UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“Carlos Alberto Reyes Maldonado”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGLETRAS

QUELI CRISTINA REZENDE MACÊDO

REPRESENTATIVIDADE NEGRA E CABELO AFRO:
uma análise da obra de Cristiane Sobral

SINOP
2026

QUELI CRISTINA REZENDE MACÊDO

REPRESENTATIVIDADE NEGRA E CABELO AFRO:
uma análise da obra de Cristiane Sobral

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Lins Precioso

SINOP
2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

M141r Macedo, Queli Cristina Rezende.
Representatividade negra e cabelo afro: uma análise da obra de Cristiane Sobral / Queli Cristina Rezende Macedo. - Sinop, 2026.
90 f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Letras/SNP-PPGLETRAS - Sinop - Mestrado Academico, Campus Universitário De Sinop.
Orientador: Dra. Adriana Lins Precioso.

1. Cristiane Sobral. 2. Literatura Feminina Negra. 3. Estética Capilar Afro. 4. Letramento Literário. 5. Lei nº 10.639/2003. I. Precioso, Adriana Lins, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT- SCB CDU 821.134.3(81).09

QUELI CRISTINA REZENDE MACÊDO

REPRESENTATIVIDADE NEGRA E CABELO AFRO:
uma análise da obra de Cristiane Sobral

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientador(a)
Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
UNEMAT – Campus Universitário de Sinop

_____

Avaliador(a) Externo(a)
Profa. Dra. Sara Rogéria Santos Barbosa
Universidade Federal de Sergipe/Campus Itabaiana

_____

Avaliador(a) Interno(a)
Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
UNEMAT – Campus Universitário de Sinop

SINOP-MT
2026

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, soberano sobre todas as coisas, por me sustentar ao longo desta trajetória, concedendo-me força, fé e sabedoria para chegar até aqui. Nos momentos de desafios e incertezas, Sua presença foi essencial para que eu perseverasse. Reconheço, com gratidão, que esta conquista é expressão de Sua graça em minha vida.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), expresso minha sincera gratidão pela oportunidade de formação acadêmica, desde a graduação até o Mestrado Acadêmico em Letras. Agradeço por ter me acolhido como estudante e por proporcionar um ambiente de aprendizagem, reflexão e produção de conhecimento, contribuindo de forma significativa para minha formação profissional, acadêmica e humana. Tenho orgulho de fazer parte desta instituição.

À minha orientadora, Professora Doutora Adriana Lima Precioso, registro minha profunda gratidão pela orientação segura, pelo apoio constante, pela confiança em meu trabalho e pela generosidade na partilha de conhecimentos. Agradeço, ainda, pela humanidade, sensibilidade e acolhimento demonstrados ao longo de todo o processo, características que tornaram esta caminhada mais leve e significativa, deixando contribuições que ultrapassam a formação acadêmica.

À Professora Doutora Helenice Joviano Roque Faria, agradeço pelo incentivo, pela confiança e pelo olhar generoso que me encorajou a ingressar no mestrado e a investir em minha trajetória acadêmica. Suas palavras de estímulo foram fundamentais para que eu acreditasse na realização deste objetivo.

À minha família, expresso minha mais profunda gratidão pelo amor, pela compreensão e pelo apoio incondicional ao longo desta jornada. Em especial, ao meu esposo, Cléverson Paulo, pelo companheirismo, pela paciência e pelo apoio constante, mesmo diante dos desafios enfrentados.

Aos meus amados filhos, João Felipe Rezende de Oliveira e Mirela Rezende de Oliveira, dedico um agradecimento especial. Vocês são minha maior inspiração e motivação diária para buscar ser uma pessoa melhor, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Cada conquista tem um significado ainda mais especial por poder ser compartilhada com vocês.

À minha querida amiga Alessandra Moura, agradeço pela amizade sincera, pela parceria ao longo desta caminhada, pelos incentivos e pelo apoio nos momentos de desafios e conquistas. Sua presença tornou este percurso mais leve e significativo.

Aos meus amigos na fé, Leidiana Ferreira Costa e Clésio Castro Costa, expresso minha sincera gratidão pelo carinho, pelas orações, pelo incentivo e pela presença constante ao longo desta trajetória. Agradeço por acreditarem em mim e por compartilharem comigo momentos importantes desta caminhada.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. Embora não nominadas, cada uma delas teve papel importante na concretização deste trabalho.

A todos, minha mais sincera gratidão.

Saiba de onde você veio. Se você souber de onde veio, não haverá absolutamente nenhuma limitação para onde pode ir. **— BALDWIN, James**

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado Acadêmico em Letras, na linha de Estudos Literários, investiga a literatura de autoria feminina negra por meio da análise da obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), de Cristiane Sobral. A pesquisa parte da hipótese de que a escrita de Sobral articula o cabelo afro como símbolo de resistência e afirmação da subjetividade negra contra a violência imposta pelo racismo estrutural. Ao ressignificar a estética capilar como estratégia de enfrentamento à marginalização histórica e aos processos de desvalorização racial, a obra atua na reconstrução da autoestima e do sentimento de pertencimento do sujeito negro, promovendo narrativas de soberania e resistência nas dimensões social e cultural. A partir dessa perspectiva teórica, o objetivo principal consiste em investigar como a produção poética de Cristiane Sobral atua na promoção de uma estética capilar afirmativa da representatividade da mulher afro-brasileira. Nesse sentido, o estudo fundamenta-se na interseccionalidade entre raça, gênero e estética, compreendendo a escrita feminina negra como uma potência de descolonização identitária. A análise dedica-se a uma seleção de poemas que evidenciam a importância da obra na valorização do corpo negro e sua contribuição para a efetiva implementação da Lei nº 10.639/2003. Diante disso, a questão norteadora é: de que forma a obra poética de Cristiane Sobral promove e consolida poéticas de resistência que rompem com os padrões eurocêntricos no cenário da sociedade brasileira atual? De natureza qualitativa e abordagem indutiva, o estudo articula a revisão bibliográfica à análise literária, tendo como base os princípios do texto poético para compreender a força política e estética da obra. A fundamentação teórica ancora-se nas contribuições de autores como Akotirene (2019), Almeida (2015), Candido (2004), Crenshaw (2002), Cuti (2010), Evaristo (2007), Gomes (2017), Gonzalez (1984), hooks (2019), Kilomba (2019), Munanga (2012), Paz (1984) e dentre outros. Por fim, a análise aponta que a obra de Sobral constitui um manifesto literário que contribui para a descolonização e para a construção de novas subjetividades. Ao reafirmar a voz e a estética negra, a produção da autora consolida-se como um recurso estratégico indispensável para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003 e para o desenvolvimento de um corpo social voltado à equidade racial e a visibilidade das mulheres negras no espaço da intelectualidade e das artes.

Palavras-chave: Cristiane Sobral; Literatura feminina negra; Estética capilar afro; Letramento literário; Lei nº 10.639/2003.

ABSTRACT

This Academic Master's in Literature research, in the line of Literary Studies, investigates literature written by black female authors through the analysis of the work Só por Hoje vou vou de meu hair em pacific (2014), by Cristiane Sobral. The research is based on the hypothesis that Sobral's writing articulates Afro hair as a symbol of resistance and affirmation of black subjectivity against the violence imposed by structural racism. By giving new meaning to hair aesthetics as a strategy for confronting historical marginalization and processes of racial devaluation, the work works to rebuild self-esteem and the feeling of belonging of black subjects, promoting narratives of sovereignty and resistance in the social and cultural dimensions. From this theoretical perspective, the main objective is to investigate how Cristiane Sobral's poetic production works to promote a hair aesthetic that affirms the representation of Afro-Brazilian women. In this sense, the study is based on the intersectionality between race, gender and aesthetics, understanding black female writing as a power of identity decolonization. The analysis is dedicated to a selection of poems that highlight the importance of the work in valuing the black body and its contribution to the effective implementation of Law nº 10,639/2003. Given this, the guiding question is: how does Cristiane Sobral's poetic work promote and consolidate poetics of resistance that break with Eurocentric standards in the scenario of current Brazilian society? Qualitative in nature and inductive in approach, the study combines bibliographic review with literary analysis, based on the principles of poetic text to understand the political and aesthetic strength of the work. The theoretical foundation is anchored in the contributions of authors such as Akotirene (2019), Almeida (2015), Candido (2004), Crenshaw (2002), Cuti (2010), Evaristo (2007), Gomes (2017), Gonzalez (1984), hooks (2019), Kilomba (2019), Munanga (2012), Paz (1984) and among others. Finally, the analysis points out that Sobral's work constitutes a literary manifesto that contributes to decolonization and the construction of new subjectivities. By reaffirming the black voice and aesthetics, the author's production consolidates itself as an indispensable strategic resource for the fulfillment of Law No. 10,639/2003 and for the development of a social body focused on racial equity and the visibility of black women in the space of intellectuality and the arts.

Keywords: Cristiane Sobral; Black women's literature; Afro hair aesthetics; Literary literacy; Law No. 10,639/2003.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa da obra: Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz.....62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 CORPO, ESTÉTICA E A DESCOLONIZAÇÃO DO OLHAR NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA 19
2.1 A Literatura afro-brasileira e a escrevivência 25
2.2 Interseccionalidade e e Construção da Identidade Negra 32
3 VOZES QUE ROMPEM O SILÊNCIO: A ESCRITA DE CRISTIANE SOBRAL .. 38
3.1 Cristiane Sobral: A escrevivência como ato de poder 50
3.2 Identidade, liberdade e ancestralidade: O corpo como território de soberania.....54
4 O ESPELHO RECONFIGURADO: A POÉTICA DO FIO E A RESIGNIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO EM CRISTIANE SOBRAL.....60
4.1 A escrevivência visual na obra de Cristiane Sobral..... 58
4.2 A Cor em movimento: Análise do poema "Black no preto" 69
4.3 A A Joia da ancestralidade: O cabelo crespo em "Pérola negra" 69
4.4 Soberania estética e a desconstrução da história unica em "Tridente, o Meu Pente" e "Preto no Preto"..... 72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 79
REFERÊNCIAS 87

1 INTRODUÇÃO

A literatura feminina afro-brasileira contemporânea consolidou-se como um campo de intensa elaboração estética, política e social, posicionando-se como espaço de resistência e reconstrução identitária diante de narrativas históricas de silenciamento e marginalização do corpo negro. Nesse processo de autodefinição, o cabelo afro deixa de ser tratado como mero detalhe estético para se consagrar como um importante marcador político e um arquivo vivo de memória ancestral, permitindo que a escrita dessas mulheres subverte os discursos coloniais e devolva ao sujeito racializado a soberania sobre sua própria imagem. Desde os anos 1970, movimentos literários e culturais vêm questionando o apagamento de vozes negras e a naturalização de padrões eurocêntricos de beleza e comportamento, criando uma tradição de escrita de resistência que articula memória histórica, identidade e subjetividade.

Desse modo, a literatura ressignifica a experiência negra e estabelece um posicionamento social de formação crítica, desafiando narrativas hegemônicas ao estimulando o pensamento crítico sobre raça, estética e pertencimento cultural. Como observa Nilma Lino Gomes (2017), o corpo negro é um território simbólico em disputa constante, atravessado por significados políticos, sociais e estéticos, e frequentemente interpretado sob a lógica de hierarquias raciais que reforçam desigualdades estruturais.

No contexto escolar e nos círcuitos literários, a presença de obras afro-brasileiras ainda encontram desafios significativos, em muitas escolas públicas, essa literatura ainda não faz parte do acervo da biblioteca e quando há, não é utilizada para estimularem a leitura para promoção de uma cultura antirracista. A falta de legitimação curricular, combinada com práticas de leitura superficiais, favorecem para a desmotivação da literatura afro-brasileira, o que faz com que a representatividade negra seja reduzida a um símbolo de diversidade sem aprofundamento conceitual, possibilitando que adolescentes estudantes negros não tenham acesso e conhecimentos sobre a sua cultural, ancestralidade e identidade.

É fundamental, portanto, que a instituição de ensino reconheça a literatura afro-brasileira como instrumento de constituição identitária e de reflexão crítica sobre o racismo estrutural, permitindo que estudantes compreendam a representatividade como construção discursiva, histórica e política, conectando memória, estética e

experiência social. Conforme Silvio Almeida em sua obra intitulada *Racismo Estrutural* (2019, p. 25), “o racismo estrutural é o processo pelo qual a sociedade cria e mantém condições desiguais para diferentes grupos raciais”. Dessa forma, quando a instituição de ensino, não valoriza em seu currículo a literatura afro-brasileira, exclui os estudantes negros das diferentes camadas de ensino de ter acesso a sua história e assim a sua cultura e identidade negra.

Nesse contexto é de suma importância o marco legal instituído pela Lei nº 10.639/2003, que prevê o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em articulação com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (2017) sobre diversidade e diálogo intercultural, que exige práticas pedagógicas que transcendam a superficialidade temática, mergulhando assim, na cultura dos povos afro-brasileiros, sendo necessárias para a formação da subjetividade dos povos e estudantes negros. Tais normativas promovem experiências de aprendizagem transformadoras, para a sociedade e para os povos afro-brasileiro, como consta no artigo:

> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
>
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
>
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Brasil, 2003, p. 1).

O cabelo afro como elemento simbólico oscila entre o preconceito histórico e a afirmação cultural, tornando-se um símbolo de identidade e de luta pela liberdade dos corpos negros, sendo fundamental para a descolonização do ensino na sociedade contemporânea.

Para Gomes (2017), o corpo e o cabelo negro constituem sofisticados marcadores de identidade e resistência, atravessados por significados estéticos e políticos que configuram espaços de memória e pertencimento. No âmbito escolar, o

reconhecimento dessa importância contribui diretamente para a valorização da autoestima de estudantes negros, funcionando como uma recurso pedagógico de enfrentamento à chamada “epidermização da inferioridade” conceito desenvolvido por Frantz Fanon em sua obra *Pele Negra Máscara Brancas* (2008) que denuncia a internalização do racismo através da marca do corpo: “Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: — inicialmente econômico; — em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade” (Fanon, 2008, p. 28), econômica por causa da exploração do trabalho que coloca o negro numa situação de subordinanação social e de inferioridade ao convencer que essa exploraçao é natural, por sua inferioidade em ser negro.

A produção poética de Cristiane Sobral rompe com essa processo de inferiorizaçao ao abordar o cabelo negro não como um problema, mas um símbolo de liberdade e identidade, assim tensiona as estruturas coloniais e propõe uma leitura insurgente da estética negra, capaz de fortalecer a autoestima das mulheres negras.

Cristiane Sobral que é poeta, negra, escritora, atriz e atuante na sociedade nesse processo de descolonização, nascida no Rio de Janeiro e estabelecida no planalto central, em Brasília, com sua obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), que é *corpus* deste estudo, sendo uma obra fundamental nas discussões sobre a estética e identidade negra na contemporaneidade. Entre suas treze obras publicadas, destacam-se: *Não vou mais lavar os pratos* (2010), *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), *O tapete voador* (2016), *Terra Negra* (2017) e *Amar antes que amanheça* (2021). Além disso, a autora mantém uma presença atuante no Instagram: https://www.instagram.com/cristianesobralartista/[1] , onde divulga seus trabalhos e se posiciona como escritora, professora, dramaturga, atriz e referência em literatura negra e formação antirracista.

Sobral mobiliza a subjetividade negra frente aos padrões eurocêntricos, transmutando o cabelo afro em territórios de resistência, memória e potência simbólica. A partir deste *corpus* literário, selecionou-se um conjunto de poemas que evidenciam a densidade analítica de Cristiane Sobral na conscientização e

[1] https://www.instagram.com/cristianesobralartista. Rede Social da autora.Acesso em Acesso em: 30 de mar. 2026.

valorização da identidade negra. A seleção abrange os seguintes poemas: “Black no preto”, que celebra a negritude como potência estética e cultural ao confrontar estigmas de marginalidade; “Pérola negra”, que opera uma exaltação da beleza negra em oposição aos padrões eurocêntricos, configurando-se como um manifesto de emancipação feminina; “Tridente, o meu pente”, que converte o cabelo afro em território de memória histórica ao articular ancestralidade e afirmação da subjetividade e por fim, “Preto no preto”, que enfatiza a coesão comunitária e oferece modelos de identidade afirmativa. Esses poemas fundamentam a análise desta pesquisa, revelando como a poesia de Sobral transita da denúncia a soberania estética. Sob essa perspectiva, esses textos fundamentam as múltiplas dimensões da representatividade negra contemporânea.

Dessa forma, a poética de Sobral expressa de maneira lírica emancipatória, o cabelo afro como signo de resistência e afirmação da subjetividade frente ao racismo estrutural, fornecendo narrativas de resistência que podem ser transpostas para o campo pedagógico. Sob essa ótica, o objetivo central desta investigação é analisar como os poemas selecionados constroem a representatividade negra feminina por meio do cabelo afro.Para isso, será analisada a interseccionalidade de raça, gênero e estética, observando como esses elementos se articulam e se sobrepõem na construção da voz lírica de Sobral e de outras autoras negras. O estudo busca compreender os impactos e as formas de resistência atrelados ao cabelo afro, bem como identificar os mecanismos de reconstrução identitária da mulher negra, os quais transformam o corpo negro em um espaço de afirmação e subjetividade. Neste contexto, o estudo relaciona a obra de Sobral a lei 10.639/2003 como recurso para o ensino de História e cultura afro-brasileira e efetivação da educação antirracista.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos que articulam teoria, análise literária, permitindo compreender tanto o valor estético dos poemas quanto sua relevância para a construção de práticas antirracistas e críticas. Essas práticas são voltadas para o desenvolvimento de sujeitos capazes de questionar padrões hegemônicos de representação e afirmar identidades negras de maneira consciente. Dessa forma, a obra de Sobral é apresentada não apenas como manifestação artística, mas como um dispositivo de transformação, capaz de promover a construção de diálogos inclusivos, sensíveis e afirmativos para a diversidade cultural e racial.

O Capítulo 1, denominado *Introdução,* delimita o tema da pesquisa e apresenta os objetivos geral e específicos, a justificativa e a relevância do estudo no cenário contemporâneo. Nele, busca-se contextualizar a importância da estética capilar como ferramenta de enfrentamento à estigmatização histórica, analisando como essa temática incide diretamente na construção da autoestima e no sentimento de pertencimento de estudantes negros.

O Capítulo 2, intitulado *Corpo, estética e a descolonização do olhar na literatura afro-brasileira*, propõe-se a investigar como o corpo negro, historicamente marcado por processos de inviabilização e objetificação, se configura como território de resistência, memória e insurgência estética. A análise concentra-se na intersecção entre literatura, corpo e estética, destacando como a escrita de autoras negras transforma experiências pessoais em práticas políticas de afirmação identitária. Ao longo do capítulo, discute-se o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2020), que articula memória, experiência e coletividade, assim como a "poética do fio", de Cristiane Sobral, na qual o cabelo crespo emerge como signo de resistência e autonomia. Além disso, a discussão estabelece diálogos com reflexões teóricas sobre interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002) e o feminismo negro brasileiro, representado por Lélia Gonzalez (1984) e Carla Akotirene (2019), bem como com análises de memória e trauma de Grada Kilomba (2019) e da valorização estética negra proposta por bell hooks (2013). Também se estabelece um diálogo literário com autoras contemporâneas como Jarid Arraes (2015) e Djaimilia Pereira de Almeida (2015), que convertem o corpo e o cabelo em elementos centrais da memória e da insurgência estética. Pretende-se, assim, mapear como a literatura afro-brasileira contemporânea denuncia as estruturas de dominação e oferece estratégias de emancipação subjetiva, consolidando o corpo negro como espaço de poder, criação e descolonização do olhar.

O Capítulo 3, denominado *Vozes que rompem o silêncio: a escrita de Cristiane Sobral,* propõe analisar a escrita da autora como uma poética insurgente que articula corpo, memória e identidade no contexto da literatura afro-brasileira contemporânea, estabelecendo um diálogo crítico com autoras que fundamentam essa reflexão. Nesse percurso, a obra de Sobral é tensionada à luz das contribuições de Sueli Carneiro (2003), especialmente no que concerne às noções de epistemicídio e construção da identidade negra; de Grada Kilomba (2019), ao abordar o racismo como experiência traumática inscrita no corpo e de Nilma Lino Gomes (2017), cuja

leitura do cabelo crespo como arquivo de memória amplia a compreensão da estética negra como dimensão política. Soma-se a esse debate a perspectiva de bell hooks, ao compreender o amor à negritude como prática de resistência, bem como o diálogo literário com Jarid Arraes (2015), Djaimilia Pereira de Almeida (2015) e Luciene Carvalho (2020), que, assim como Sobral, elaboram o corpo negro, especialmente o cabelo, como espaço de memória, pertencimento e afirmação. Ao articular essas vozes, o capítulo evidencia que a "poética do fio" não se limita à dimensão estética, mas constitui um campo de disputa simbólica no qual se reconfiguram narrativas históricas, subjetividades e práticas de liberdade, reafirmando a literatura como espaço de resistência, produção de conhecimento e transformação social.

O Capítulo 4, denominado *O espelho reconfigurado: a poética do fio e a ressignificação do corpo negro na obra de Cristiane Sobral,* constitui o cerne analítico desta dissertação ao dedicar-se à leitura interpretativa minuciosa do *corpus* de Cristiane Sobral, a partir de uma abordagem qualitativa que investiga como a "poética do fio" opera a transição do estigma à soberania. Centrado na ideia de reflexo e autoimagem, o capítulo destaca o deslocamento de uma visão historicamente construída sob a lógica da colonialidade para uma autorrepresentação afirmativa, na qual o sujeito negro passa a se reconhecer por meio de referenciais próprios, estéticos e descolonizados.

Nesse percurso, a análise inicia-se com o poema "Black no preto", explorando a cor em movimento e a metonímia do cabelo como radar de resistência; prossegue com a dimensão da trégua identitária e do autocuidado confessional em "Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz"; e alcança, em "Pérola negra", um enunciado de soberania, no qual a ancestralidade é o néctar que reveste o corpo, transformando a ferida colonial em uma gema de resistência e autodefinição.

O itinerário culmina na consolidação da estética da recusa e da insurgência nos poemas "Tridente, o meu pente" e "Preto no preto". Ao longo desse percurso analítico, evidencia-se que a ressignificação do ato de "não alisar" constitui uma ruptura com os dispositivos de padronização dos corpos negros, instaurando uma narrativa de emancipação que reconfigura o espelho da mulher negra como superfície de reconhecimento, potência e autonomia. A análise estabelece diálogo com Nilma Lino Gomes (2017), ao compreender o cabelo como arquivo de memórias; com Sueli Carneiro (2003), na problematização da inferiorização racializada do

corpo; e com Grada Kilomba (2019), ao situar o racismo como experiência inscrita na subjetividade. Soma-se a esse quadro teórico a interlocução com Luciene Carvalho (2020) e Jarid Arraes (2015), cujas produções também tensionam estética, memória e pertencimento. Ao se articular essas vozes, o capítulo demonstra que a escrita de Sobral ultrapassa a representação e se configura como prática de reexistência, na qual o corpo negro é reinscrito como território de soberania estética, política e histórica.

Para finalizar, o capítulo 05 intitulado *Considerações Finais* apresentam o balanço crítico da pesquisa, reafirmando a potência da literatura de Cristiane Sobral como um dispositivo de descolonização das subjetividades. Este fechamento sintetiza os resultados da análise literária, confirmando que a "poética do fio" é capaz de transformar o trauma em orgulho e a invisibilidade em protagonismo. Reitera-se a importância da Lei nº 10.639/03 como um compromisso ético e aponta-se para a necessidade de continuidade das reflexões do letramento racial. O trabalho encerra-se com a validação da soberania estética como um direito inalienável, oferecendo horizontes para que o espelho reconfigurado pela poesia inspire práticas de liberdade permanentes no cotidiano.

Diante desse percurso, compreende-se que a análise da poética de Cristiane Sobral e suas contribuições teóricas exigem um arcabouço capaz de apreender a complexidade das relações raciais e subjetivas. Não se restringe a ler o poema, mas a analisar as estruturas de poder que ele tensiona por meio de uma análise interpretativa rigorosa. Assim, para aprofundar a investigação, faz-se necessário estabelecer os diálogos conceituais que regem as noções de corpo, escrita e identidade negra. Nesse sentido, no capítulo 02 a seguir, será analisado de que forma se articulam os conceitos de escrevivência, interseccionalidade e letramento literário, categorias fundamentais para a compreensão do corpo negro como espaço de resistência, subjetividade e reexistência.

2 CORPO, ESTÉTICA E A DESCOLONIZAÇÃO DO OLHAR NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Na literatura afro-brasileira contemporânea, a discussão sobre o corpo negro vai além do fator biológico, constituindo-se como um espaço de expressão de

experiências historicamente silenciadas, reconfigurando narrativas de identidade e pertencimento. Se antes o corpo negro era visto como alvo de opressão, discriminação e exploração, hoje, por meio das vozes negras, a emancipação e resistência se configuram na escrita negra, como forma de resistência, transformando os traumas históricos em soberania, liberdade e reconstrução da identidade negra. Dessa forma, em consonância com as reflexões de Carneiro (2003), Gomes (2017) e Kilomba (2019) sobre a marcação e a descolonização dos corpos, a corporeidade negra emerge nessas obras para além das margens impostas pelo silenciamento. Consolida-se, assim, como um espaço político e como o lugar onde se processa a retomada da própria dignidade e memória. Essa transição do estigma à soberania revela que o corpo não constitui apenas um alvo passivo de opressões coloniais, mas um dispositivo crítico capaz de produzir novos sentidos que, ao tensionarem o cânone literário, descolonizam o olhar.

No poema “Não vou mais lavar os pratos”, Cristiane Sobral constrói uma poética marcada pelo ritmo incisivo, pelo tom declaratório e pelo uso de uma linguagem cotidiana que subverte o imperativo do trabalho doméstico subalternizado. A disposição dos versos e o recurso à anáfora instauram uma cadência de recusa, na qual a palavra poética opera como gesto visual e performático de ruptura.

A partir dessa construção estética, a autora apresenta um novo olhar sobre a reconstrução subjetiva do sujeito negro frente às opressões coloniais que historica e espacialmente marcam a identidade desses povos. A recusa do espaço da cozinha transcende a negação da tarefa doméstica, consolidando-se como movimento de insubmissão política e retomada da palavra por quem historicamente foi silenciada.

NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro
e uma semana depois decidi.
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo
a bagunça das folhas que caem no quintal.
Sinto muito.
Depois de ler percebi
a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética,
A estática.

(Sobral, 2011, p, 23)

A recusa expressa em “Não vou mais lavar os pratos” funciona como um símbolo de ruptura, em que a interrupção do trabalho doméstico decorre diretamente do despertar proporcionado pela literatura. Ao subverter o cotidiano, Sobral mobiliza a escrita poética como ferramenta de descolonização e emancipação, visando provocar um deslocamento na percepção dos sujeitos racializados sobre os lugares sociais que ocupam na atualidade. Esse movimento de transição da consciência individual para uma ação política desencadeia, contudo, uma tensão marcada por hierarquias históricas, uma vez que a libertação proposta pelo poema colide frontalmente com as barreiras de um sistema que tenta manter a população negra em lugares socialmente predeterminados.

Embora necessária, a descolonização enfrenta obstáculos na organização da sociedade, especialmente quando as expressões de resistência do corpo negro confrontam o racismo estrutural. Nesse cenário, a questão raça, atua como eixo que organiza as relações sociais e de poder na história. Como destaca Gomes (2012, p. 46), “o racismo no Brasil é alicerçado em uma grande contradição”, ou seja, a sociedade que se alicerça no mito da democracia racial, enquanto permanece o preconceito racial que impede que todos, independente de raça, cor, gênero exerçam plenamente sua cidadania identidade racial. A população negra, sofrem diretamente na pele esses preconceitos, ocupando principalmente posições sociais de maior vulnerabilidade em relação aos outros grupos étnico raciais.

A negação do racismo na sociedade, faz com que se torne algo natural, perpetuando assim discriminação e exclusão da população negra em todas as esferas sociais. Ao negar, o racismo se torna invisível e fica difícil combatê-lo. Nesse sentido, Gomes (2012, p. 47) afirma que:

> “quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros”.

Esse processo, demonstra que o racismo vai além dos atos verbalizados, está enraizado nas instituições, nas interações sociais, e nos processos de formação da subjetividade negra.

A partir dessa análise, observa-se que a disparidade social entre negros e brancos não ocorre por eventos isolados, mas por uma estrutura histórica para manter os privilégios raciais. Esse sistema atua sobre o corpo negro, estabelecendo normas de existência, de expressão e reconhecimento social. A estética nesse contexto ganha uma relevância, pois o racismo utiliza a imposição dos padrões estéticos, para inferiorizar traços negros, como cabelo crespo, e assim apagar a identidade e a dignidade dessa forma de existir ao associa-lá a inferioridade.

Considerando essa regulação dos corpos negros, bell hooks (2019) oferece uma contribuição essencial ao interpretar a afirmação da estética negra como um gesto político de resistência e descolonização. Romper com os padrões eurocêntricos de beleza traduz-se em um enfrentamento direto às estruturas de poder que moldam a vida social e o imaginário subjetivo. O reconhecimento do valor do corpo negro estabelece-se, portanto, como uma prática de liberdade, capaz de desestabilizar essas estruturas e inaugurar novas possibilidades de existir, devolvendo ao sujeito negro a soberania sobre a sua própria identidade.

Nesse percurso decolonial, o conceito de interseccionalidade formulada por Kimberlé Crenshaw (1989) para explicar como as diferentes formas de opressão como racismo e sexismo se cruzam e atuam em conjunto. De acordo com Collins e Bilge (2021) a interseccionalidade é um recurso analítico essencial para compreender como diferentes estruturas de poder agem de forma mutua e dependente, não podendo ser entendidas separadamente. Para as autoras, o conceito permite analisar “como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana” (2021, p. 16).

Essa perspectiva interseccional revela que o preconceito relacionado ao cabelo afro transcende o campo racial, está inserido em um controle social que tenta moldar o corpo da mulher negra segundo padrões eurocêntricos, não se trata portanto, apenas de uma questão estética, mas de uma luta contra o racismo e o sexismo. Dialogando com Kilomba (2019) observa-se esse controle gera traumas profundos na subjetividade e silenciamento históricos dos povos negros. Descolonizar exige uma tomada de consciência, recosntrução de narrativas para transforma o corpo negro, antes alvo de opressão e discriminação em um lugar de enunciação, em que a subjetividade negra ressignifica suas vivências e experiências, que transforma o corpo negro em um lugar de memória e resistência

Ao repercurtir na subjetividade, esse controle interno atinge o sujeito, esse controle dialoga com a obra de Kilomba (2019) evidenciando que o racismo marca profundamente e se enraiza na mente, gerando feridas e apagamentos que perduram no tempo e impõem silêncio que atravessam a ancestralidade.

Assim, o processo de descolonização passa pela possibilidade de fala e pela reconstrução da narrativa, permitindo que sujeitos historicamente silenciados retomem sua voz e ressignifiquem suas experiências. Descolonizar nesse sentido, significa garantir o direito ao discurso e à reescrita da trajetórias pessoais, desenvolvendo o protagonismo negro que outrora fora silenciado. Nesse movimento, o corpo negro é ressignificado, deixando de ser um lugar de dor para se tornar uma lugar de voz, memória e resistência histórica.

Considerando essa regulação dos corpos negros, bell hooks (2019) oferece uma contribuição essencial ao interpretar a afirmação da estética negra como um gesto político de resistência e descolonização. Romper com os padrões eurocêntricos de beleza e com os papéis subalternos impostos à mulher negra traduz-se em um enfrentamento direto às estruturas de poder que moldam a vida social e o imaginário subjetivo. Na poética de Sobral, o reconhecimento e a liberação do corpo negro estabelecem-se exatamente como essa 'prática de liberdade' teorizada por hooks, capaz de desestabilizar as assimetrias raciais e inaugurar novas possibilidades de existir, devolvendo à mulher negra a soberania sobre a sua própria identidade.

O movimento de redefinir na literatura dialoga com o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo (2007) que reafirma o corpo como espaço de saber, onde a escrita de mulheres negras serve para registrar experiencias reais no campo Literário. Esse movimento une a memória ao relato pessoal, subvertendo padrões literários restritivos e possibilitando que sujeitos negros se afirmem como narradores soberanos de suas identidades.

É a partir desse diálogo teórico que se fundamenta a análise dos poemas que compõem o corpus desta pesquisa, como “Black no preto”, “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”,"Pérola Negro”, “Tridente, o meu pente” e “Preto no preto”. Essas composições revelam a formação de uma poética do fio, na qual o cabelo crespo ultrapassa a dimensão estática do corpo e se converte em mediador da memória coletiva e das estratégias de resistência. Ao transformar o elemento físico em signo literário, Sobral descoloniza a percepção sobre o corpo negro, projetando

uma poética que é, simultaneamente, manifesto político, afirmação da subjetividade e cartografia dos afetos.

Nesse sentido, investigar a estética negra no campo acadêmico e de ensino é um esforço essencial para desconstrução de padrões coloniais e um compromisso com o letramento racial crítico. Ao compreender o corpo negro como linguagem, percebe-se que o cabelo crespo atua como repositório de memórias e resistências. A força dessa fundamentação teórica e da literatura negra reside na reparação histórica e na recuperação do sujeito negro, passo essencial para consolidar as leituras voltadas à libertação individual, social e à emancipação de identidades historicamente marginalizadas.

Desmontar os silêncios que estruturam a história da sociedade brasileira requer a participação ativa dos sujeitos historicamente marginalizado. Nesse cenário, dar visibilidade a novas perspectivas literárias e sociais é um compromisso necessário para redefinir a imagem do país, cuja identidade permanece em constante disputa de construção. De acordo com as reflexões de Precioso e Roque-Faria (2023, p. 346-347):

> Elucidar novas narrativas exige (re)colocar o povo negro nos diversos lugares dos quais lhes foram negados. Também (re) conhecer os dramas, os conflitos e os enfrentamentos desses é um exercício de escuta, tendo em vista a necessidade de narrativas modernas enunciadas pelos pretos e pretas, seja individualmente ou coletivamente, pois, o Brasil não conhece sua história e identidade embora ultimamente há um esforço por altear essas vozes e produzir a lírica feminina negra contemporânea.

Essa provocação das autoras nos convoca à postura crítica, pois, no Brasil a pluralidade identitária é ignorada e por isso reforçam a importância de obras que ofereçam alternativas existenciais em vez de apenas registrar fatos. É justamente nessa busca por significados que a literatura afro-brasileira de autoria feminina se consolida como espaço primordial de transformação, onde a dor é ressignificado em rebeldia estética e resistência política.

Em alinhamento a essa perspectiva, o exercício de escuta reafirma-se como fundamento metodológico dessa investigação. Ao reconhecer os conflitos e os dramas da população negra a partir de uma enunciação própria, rompe-se com a lógica colonial e abre-se espaço para a construção de saberes decoloniais. Nesse movimento, a literatura afro-brasileira contemporânea, com destaque para a poética

de Cristiane Sobral, consolida-se como um espaço de reparação simbólica, no qual o corpo negro se afirma definitivamente como lugar de fala, memória e posicionamento.

2.1 A literatura afro-brasileira e a escrevivência

A produção literária desempenha uma função de suma importância na resistência cultural, dando voz e legitimidade às memórias que compõem a identidade coletiva. Embora a prática da leitura seja um ato individual, ela se converte em experiência compartilhada ao ecoar as raízes e as memórias de um povo por meio da escrita e da leitura. Assim, a literatura estabelece um senso de pertencimento ao narrar elementos que atravessam a história de uma sociedade, Ao converter a realidade em ficção, a literatura possibilita uma reflexão capaz de modificar comportamentos, visões de mundo, a si mesmo, tornando-se um meio de mudança pessoal e social. Esse processo transforma a subjetividade e rompe com as opressões, reconfigurando a forma como o indivíduo compreende a própria realidade.

No cenário brasileiro, as definições da literatura produzida por autores negros variam conforme o enfoque identitário. Esse debate manifesta-se, sobretudo, na distinção entre os conceitos de literatura negra brasileira e literatura afro-brasileira. Enquanto Eduardo de Assis Duarte (2009) defende o termo “afro-brasileira” ao privilegiar a matriz africana como elemento estruturante dessa produção, Cuti (2010) propõe uma demarcação centrada na subjetividade e no compromisso político do autor com a identidade negra. Para fundamentar a especificidade desse posicionamento e delimitar as fronteiras de sua proposta teórica, Cuti (2010, p. 80-82) esclarece:

> Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira”. [...] “O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais.

Enquanto a perspectiva de Cuti (2010) se apoia na força do afeto, da memória e da experiência na pele de quem escreve, outros olhares teóricos se dedicam a

organizar os contornos dessa literatura a partir de sua estrutura. É justamente nesse ponto de encontro entre o sentir e o analisar que Eduardo de Assis Duarte propõe cinco critérios essenciais para acolher e compreender a literatura afro-brasileira em toda a sua complexidade. Assim, para mergulhar nas características que tornam essa escrita única, apresentam-se os parâmetros sugeridos pelo autor (Duarte, 2009, p. 78-80):

> Em primeiro lugar, a temática: "o negro é o tema principal da literatura negra", afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como "universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura". Em segundo lugar, a autoria. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro,qual seja, o ponto de vista. Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. […] Um quarto componente situa-se no âmbito da linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um público leitor afro-descendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral.

Nesse contexto, a Lei nº 10.639/2003, ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, reforça a valorização das produções culturais negras, principalmente no espaço educacional. A aplicação dessa legislação encontra na literatura negra e, em especial, na poética de autoria feminina como a de Cristiane Sobral, um recurso pedagógico fundamental que vai além do cumprimento burocrático do currículo. Ao introduzir no ambiente escolar narrativas que tematizam a subjetividade, o cabelo afro e a memória sob o prisma do pertencimento e da altivez, a literatura opera como ponte entre a norma jurídica e a formação do leitor. Trata-se de descolonizar as práticas de ensino, utilizando a palavra poética para desmantelar o racismo estrutural no cotidiano escolar e efetivar o projeto de uma educação verdadeiramente antirracista.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Kabengele Munanga (2005), que discute a importância da educação e da cultura na superação do racismo e na afirmação identitária. A partir desse panorama, as conceituações de Eduardo de Assis Duarte, ao cunhar o termo "literatura afro-brasileira", e de Cuti (2010), ao propor a vertente da "literatura negro-brasileira", coexistem no campo acadêmico como categorias fundamentais de análise. Como bem aponta Munanga (2005, p. 17):

> não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e descontruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.

Desse modo, ambos os conceitos e autores contribuem significativamente para o fortalecimento das discussões sobre identidade, representatividade e cultura negra no Brasil. É nesse cenário de afirmação identitária e resistência que se inserem as vozes das autoras contemporâneas. Entre as escritoras que se destacam na literatura produzida por mulheres negras, encontra-se Cristiane Sobral, cuja obra constitui o corpus desta análise. Sua produção literária ocupa um lugar significativo na literatura afro-brasileira, destacando-se publicações como *Não vou mais lavar os pratos* (2011) *e Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014). Nessas obras, a autora aborda questões relacionadas à identidade negra, ao racismo e aos processos de resistência vivenciados por mulheres negras na sociedade. Seus escritos evidenciam a valorização da ancestralidade, da autoestima, da memória e do protagonismo negro, promovendo reflexões profundas sobre pertencimento e emancipação social.

Além de sua relevância estética e política, as obras de Cristiane Sobral contribui para efetivar a Lei nº 10.639/2003, uma vez que amplia a circulação de narrativas afro-brasileiras no espaço escolar e fortalece as práticas pedagógicas voltadas à educação antirracista. A literatura torna-se assim, um importante recurso para a construção de uma consciência crítica sobre as relações étnico-raciais, contribuindo para a valorização da cultura afro-brasileira e no enfrentamento as desigualdades

históricas e sociais, que ainda existem em permanecer em nossa sociedade. É nesse contexto que se destacam a importância das obras de Cristiane Sobral, pois perpassam a valorização da identidade negra e ressaltam a centralidade do cabelo afro como símbolo político. No poema “Verdade” Sobral apresenta a força e a importância do cabelo crespo em sua dimensão ancestral:

> **Verdade**
>
> Por que o cabelo do negro é alto, imponente e armado?
> Para proteger as cabeças pensantes que ele abriga!
> As cabeças negras geraram, nutriram e enriqueceram esta nação
> Com seus braços, com seus seios e com seu sexo
> Dentro dessas cabeças,
> está o poder de lutar pela raça.
>
> (Sobral, 2011, p.70)

Nesse poema, Sobral transforma o cabelo negro em um escudo, que protege as “cabeças pensantes”, em que a pessoa negra, antes eram visto apenas como força de trabalho, agora e um sujeito pensante, que cria e produz conhecimento. Essa mudança de postura, que tira o sujeito negro da condição de objeto e o coloca como criador de saberes, abre caminhos para que a literatura afro se estabeleça como espaço de formação identitária. É nesse ponto, entre a tomada da escrita e a valorização da própria história, que o ato de escrever ganha um novo sentido político, possibilitando que outros conceitos fundamentais da literatura afro-brasileira ganhem força na contemporaneidade.

Nesse cenário de valorização das vivências negras e da escrita como prática de resistência que se destacam o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2020), em que autora compreende a escrita como gesto que surge das vivências individuais e coletivas, relacionando ancestralidade, memória e ficção. Assim a escrevivência constitui uma poética em que o sujeito negro inscreve a si mesmo no texto, ao mesmo tempo em que sua narrativa representa as experiências compartilhadas por toda uma coletividade negra, Conforme pontua Evaristo (2020, p. 35).

> Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias

> do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade.

Essa concepção de Evaristo (2020) evidencia que a escrita negra não se configura como um ato isolado, mas como um processo coletivo de elaboração de sentidos, no qual a experiência individual se entrelaça com a memória social. Nesse sentido, a escrevivência opera como um dispositivo de resistência epistêmica, pois confronta as estruturas que historicamente silenciaram vozes negras. Ao inscrever suas vivências no campo literário, autoras negras não destacam apenas suas histórias, mas tensionam os regimes de opressões, que definem quais narrativas são legitimadas. Trata-se, portanto, de uma escrita que desestabiliza hierarquias e propõe novas formas de conhecimento.

Essa perspectiva crítica da escrita é reafirmada pela própria Evaristo ao afirmar o caráter político da produção literária negra, afirmando que: “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 21).

A necessidade de “incomodar os sonos injustos” revela que a escrita negra não se orienta pela neutralidade, mas pela urgência de confrontar as marcas profundas deixadas pela estrutura colonial na subjetividade e nas relações sociais. A escrevivência constitui-se como um ato de insubordinação que emerge de um cenário de exclusões históricas e de valorações sociais arbitrárias. Ao transformar as experiencias silênciadas em narrativas a escrita negra rompe com os discursos hegemônicos que durante séculos, relegaram, marginalizaram e excluíram a população negra e sua escrita, por meio do apagamento histórico.

Assim, o conceito de escrevivência proposto por Evaristo vai além da estética para se consolidar como um ato político de reivindicação de voz e memória. Ao narrar o racismo e a resistência, os autores negros desafiam os diversos sistemas de opressão e transformam a escrita literária em um espaço de denúncia e fortalecimento coletivo. Desse modo, esses autores resgatam as memórias que historicamente foram silenciadas e colocam seus escritos poéticos na sociedade atual, a partir de seu lugar de fala e de vivência social. Dessa forma, a literatura afro-brasileira afirma-se como resistência cultural e de mudança social, pois “incomoda os sonos dos injustos” e estimula a sociedade contemporânea a desafiar o racismo estrutural, tornando a sociedade mais justa.

Em consonância com essa reflexão, Miriam Alves (2010) amplia essa compreensão ao evidenciar que a produção literária de mulheres negras é indissociável das pressões raciais que estruturam a sociedade brasileira. Segundo a autora:

> Ao pensar a participação das mulheres negras na literatura afro-brasileira, é necessário refletir sobre o passado colonial, as condições de superexploração e a violência vivenciada por mais de três séculos e que perduram na contemporaneidade através da desigualdade de oportunidades e a discriminação racial velada ou ostensiva, revelando a forte dimensão racial que permeia a sociedade brasileira em todos os níveis. Essa sociedade acabou construindo categorias sociais ao longo do tempo, com base em diferenças físicas, ascendência genealógica, sexo (enquanto gênero) e cor da pele, fatores usados para predeterminar, ou seja, excluir ou incluir, pessoas na estrutura social, gerando esquemas de valoração que acabam influindo no pensamento cotidiano, na postura intelectual na representatividade do imaginário nas artes, em geral, e na literatura, em particular (Alves, 2010, p. 80).

Alves (2010) argumenta que a subalternização e a violência de mais de três séculos de escravidão não ficaram no passado. Pelo contrário, essas feridas continuam vivas e presente na sociedade contemporânea através do preconceito racial seja disfarçado ou abertamente, nesse sentido a autora demonstra como a sociedade usa as características físicas, a origem familiar e racial, para julgar as pessoas e predeterminar os seus lugares na sociedade. Diante disso, a literatura afro-brasileira como meio essencial de resistência, pois se a sociedade exclui, a escrita de mulheres negras acolhe, enquanto a história tradicional omite e apaga essas vivências negras, a literatura afro-brasileira assegura a história, memória e ancestralidade dos povos negros.

Consolida-se, desse modo, um projeto literário emancipatório que tem como objetivo desestruturar os processos de desvalorização da identidade negra. Percebe-se, portanto que essa vertente da literatura vai além de espelhar o contexto social, pois a literatura atua diretamente sobre a realidade ao contestar os sistemas de exclusão e apresentar novas narrativas que rompem preconceitos históricos. Diante deste cenário, o ato de escrever deixa de ser um simples relato de experiências, transformando-se em uma ação política voltada para a visibilidade e autonomia. Essa perspectiva também é ressaltada por Maria Nazareth Soares Fonseca (2006, p. 11):

> As expressões ‘literatura negra’ e literatura ‘afro-brasileira’ são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico-literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, com a motivação dada por questões específicas de segmentos sociais de predominância negra e ou mestiça, e com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. A literatura assume essas tradições como estratégias de reinvenção, como material que fomenta uma produção textual – em gêneros poéticos, narrativos e híbridos.

Fonseca (2006) contribui para essa discussão ao situar a literatura afro-brasileira como um campo de estratégias de reinvenção, no qual tradição e criação articulam-se na produção de novas formas de existência. Para a autora, essa produção não se limita aos traços raciais de quem escreve, mas estende-se à motivação social e à intensidade com que as tradições africanas são mobilizadas como base artística e inspiração para a escrita. Nesse sentido, a literatura deixa de ser um mero registro de fatos para tornar-se o espaço de criação de uma nova identidade.

Ao tematizar o corpo negro e, de modo particular, o cabelo crespo, a escrita literária feminina desloca o olhar preconceituoso e transformar o que antes era usado para rejeitar e excluir em um símbolo de orgulho, pertencimento e afirmação. Essa operação estética dialoga diretamente com as reflexões de Djaimilia Pereira de Almeida (2015), jovem escrita portuguesa, para quem o cabelo crespo é compreendido como um marcador de memória e identidade, um elemento que inscreve no próprio corpo as marcas da ancestralidade e as tensões da diáspora. Assim, o corpo deixa de ser alvo de opressão e controle pra consolidar-se como um instrumento político de insurgência estética.

Nesse movimento, o que antes era silenciado ou visto com preconceito ganha um novo sentido, transformando-se em expressão, história e de força. Essa mudança de significado contudo, só se efetiva na medida em que a autoria negra feminina assume o controle do discurso, rompendo com a condição de objeto para afirmar-se como sujeito de sua própria fala. Sobre esse protagonismo, Alves (2010, p. 185)

> É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social

> de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira.

Segundo as reflexões de Alves (2010), essa escrita de si, que se aproxima do conceito de escrevivência, não se limita a um construto teórico, mas concretiza-se como prática de liberdade, permitindo que sujeitos negros se reconheçam como protagonistas de suas trajetórias. Ao articular vida e escrita, memória e criação, individual e coletivo, a literatura afro-brasileira consolida-se como um espaço de resistência e rebeldia, no qual a palavra se transforma em ação e a narrativa em espaço de existência plena.

O verso “Dentro dessas cabeças,/ está o poder de lutar pela raça/” (Sobral. 2011,p. 70) antecipa a dimensão pedagógica e emancipatória da obra de Cristiane Sobral. É precisamente nesse horizonte que a produção poética de Cristiane Sobral se insere e se destaca. Sua criação literária exemplifica como a poesia pode operar, simultaneamente, como estética, política e pedagogia, transformando a palavra em instrumento de insurgência. Ao fazer do texto um território de afirmação e autonomia, a escrita de Sobral contribui decisivamente para a descolonização do olhar, a desconstrução do racismo estrutural e a reconstrução das subjetividades negras no contexto contemporâneo.

2.2 Interseccionalidade e a construção da identidade negra

A construção da identidade da mulher negra não pode ser compreendida como um processo linear ou isolado, visto tratar-se de um fenômeno atravessado por múltiplas camadas de opressão que exigem uma leitura crítica e interseccional. Gomes (2017) ressalta que o corpo negro é o território em que as tensões raciais se inscrevem com maior vigor na sociedade brasileira. Nesse contexto, o cabelo crespo emerge como um dos principais símbolos de resistência e de reexistência. Para a autora, os traços raciais não se limitam a um elemento estético ou biológico, constituindo-se como um “suporte de significados políticos e culturais que o corpo negro carrega” (Gomes, 2017, p. 54).

É precisamente nesse horizonte que a produção poética de Cristiane Sobral se insere e se destaca. Sua criação literária exemplifica como a poesia pode operar, simultaneamente, como estética, política e pedagogia, transformando a palavra em

instrumento de insurgência. Ao fazer do texto um território de afirmação e autonomia, a escrita de Sobral contribui decisivamente para a descolonização do olhar, a desconstrução do racismo estrutural e a reconstrução das subjetividades negras no contexto contemporâneo.

Historicamente, o cabelo afro foi alvo de críticas e rejeições constantes que o associaram à desordem, à sujeira ou à falta de profissionalismo, por estar fora dos padrões eurocêntricos de beleza e comportamento. Essa preconceito escancarado não é acidental é uma ferramenta de poder da colonização que utiliza o corpo negro para diminuir as pessoas. Ao tratar o traço negro como um defeito, o projeto colonial tenta destituir o sujeito de sua humanidade, forçando-o a uma busca incessante pela branquitude estética como passaporte para a aceitação social. Assim, o cabelo torna-se um território simbólico de disputa por sentidos: de um lado, a imposição da norma; de outro, a insurgência da identidade.

É em oposição a essa lógica de subalternização que a “poética do fio” de Cristiane Sobral se manifesta. Sua escrita transcende a mera denúncia do racismo baseado na aparência física para articular uma resistência profunda ao patriarcado e às exclusões de classe, convertendo a literatura em um campo de reafirmação do corpo negro como território de múltiplas reexistências.

Para dar conta dessa complexidade, o pensamento da jurista e teórica Kimberlé Crenshaw (2002) torna-se indispensável, ao cunhar o conceito de interseccionalidade, Crenshaw ofereceu a lente teórica necessária para identificar como diferentes eixos de poder: raça, gênero, classe e sexualidade, se sobrepõem, definindo não apenas as vulnerabilidades, mas também as potentes estratégias de sobrevivência da mulher negra. Segundo a autora:

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicas ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p. 177).

A conceituação de Crenshaw (2002) redefine a compreensão das exclusões sociais ao deslocar o foco de eixos isolados de opressão para a sua interação

dinâmica e estruturante. Ao postular que o racismo, o patriarcalismo e a classe não operam de forma paralela, mas se entrelaçam para forjar posições relativas de subordinação, a autora revela a especificidade da experiência da mulher negra, cuja vulnerabilidade é produzida pela colisão desses sistemas. Sob essa ótica, o desempoderamento não é um estado estático, mas um processo ativo, alimentado por políticas que frequentemente ignoram as consequências estruturais de identidades sobrepostas.

No contexto da literatura afro-brasileira, essa lente interseccional torna-se indispensável para decifrar como a escrita de autoria negra feminina atua como uma contra ofensiva a esses fluxos de opressão, transformando o corpo, alvo privilegiado dessas desigualdades em um território de reinvenção e insurgência política. O feminismo negro brasileiro, em sua gênese, compreendeu que a luta contra o machismo não poderia ser dissociada do enfrentamento ao racismo. Lélia Gonzalez (1984), ao teorizar sobre a Amefricanidade, antecipou a necessidade de ler essas opressões como mecanismos indissociáveis da estrutura social brasileira. Para a autora, as figuras da “mulata” e da “doméstica” são faces de uma mesma moeda que sustenta a hierarquia racial e de gênero no país. De acordo com Gonzalez (1984, p. 228):

> Como se sabe, a negra é a mulher, enquanto a mulata é a 'mulher' e a doméstica é a serva. E é justamente por aí que o racismo brasileiro descarrega o seu potencial de violência sobre a mulher negra. Através do mito da democracia racial e da exaltação da mulata, ele escamoteia o seu caráter explorador e opressivo, fixando a mulher negra em papéis sociais pré-estabelecidos que visam à sua desumanização. (Gonzalez, 1984, p. 228).

Essa farsa social denunciada por Gonzalez, que tenta camuflar a violência sob um manto de uma falsa harmonia entre as raças é diretamente confrontada pela poesia de Cristiane Sobral. No poema “Mentiras” (Sobral, 2014, p. 50) a autora revela as ilusões de um discurso nacional que finge incluir, mas que no fundo apaga identidades e perpetua as distâncias sociais.

> Igualdade que descaracteriza
> Mistura que não traz envolvimento
> Diferença que inferioriza
> Falácias de um país em desenvolvimento

> [...]
>
> Ousem olhar para trás
> Tratem desigualmente os desiguais
> Abaixo o mito da democracia racial, essa piada
> Abaixo à miscigenação subordinada

A partir desse diagnóstico, compreende-se que a experiência da mulher negra no Brasil é marcada por uma dupla opressão, racismo e sexismo, que a empurra para as margens do mercado de trabalho e da representação simbólica. Ao denunciar essas figuras estereotipadas no imaginário nacional, Gonzalez (1984) revela como o controle sobre o corpo e a imagem serve para manter o status quo colonial. É como se a poesia de Sobral (2014) respondesse a essa denúncia ao expor as "falácias de um pais em desenvolvimento", enquanto Gonzalez demonstra que a "mulata" é convertida em um corpo hipersexualizado e a doméstica é reduzida ao serviço braçal, Sobral joga luz sobre essa "mistura que não traz envolvimento" e essa "diferença que inferioriza". Ambas as autoras convergem ao mostrar que essas representações negam à mulher negra o status de sujeito pleno, confinando-a a funções de utilidade dentro da matriz colonial.

Essa transição do estigma para a afirmação, bem como a compreensão profunda dessas múltiplas opressões, é reforçada pela sensibilidade teórica de Carla Akotirene (2019). Para a autora, a interseccionalidade não deve ser lida apenas como um acessório metodológico, mas como a própria condição de existência das mulheres negras, cujas categorias de opressão operam em um regime de absoluta inseparabilidade. Conforme Akotirene (2019, p. 14):

> A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Ao definir a interseccionalidade como essa instrumentalidade que revela a inseparabilidade das opressões, Akotirene (2019) oferece o suporte metodológico para enxergar as avenidas de subordinação que se cruzam sobre o corpo negro. A partir dessa lente, as figuras da mulata e da doméstica denunciadas por Gonzalez (1984) deixam de ser apenas estereótipos e passam a ser lidas como o resultado

exato dessas colisões estruturais, em que o gênero encontra a raça para produzir a hipersexualização, e que a raça encontra a classe para produzir a servidão doméstica.

Para Akotirene (2019) ignorar os cruzamentos de raça, gênero e classe é manter a invisibilidade sobre as especificidades de quem vive no epicentro dessas avenidas identitárias. O corpo feminino negro, portanto, não sofre apenas racismo ou sexismo, ele é atingido por uma opressão que resulta da fusão química dessas forças, o que a autora caracteriza como um moderno aparato colonial de controle. Nesse cenário de múltiplas colisões, a escrita de Cristiane Sobral, ao reivindicar a soberania do corpo, atua justamente no ponto de impacto dessas avenidas, promovendo uma desobediência estética que interrompe o fluxo das opressões interseccionais.

Essa interrupção do fluxo opressor materializa-se, fundamentalmente, na retomada do cabelo crespo. A afirmação da identidade negra surge, como a tradução do que Gonzalez (1984) define como a passagem da infans[2], aquela que não fala e é falada por outros, para o sujeito que assume sua própria narrativa. Por conseguinte, o debate contemporâneo que transborda para o espaço público por meio da valorização do crespo, do uso do turbante e da chamada transição capilar deixa de ser um evento meramente cosmético ou uma tendência de moda para se configurar como uma resposta política à matriz colonial que tentou por séculos controlar e dominar esses corpos por meio do alisamento compulsório.

Dessa forma, o alisamento deve ser lido como uma metáfora da própria colonização, caracterizada pelo esforço de esticar, suavizar e apagar as curvaturas e texturas que remetem à ancestralidade africana para adequá-las à retidão da norma europeia. Ao interromper esse processo e permitir que o fio crespo apareça livre, a mulher negra provoca uma quebra nas estruturas de poder descritas por Crenshaw (2002) e Akotirene (2019), reivindicando o que se define como soberania estética.

> A interseccionalidade nos permite observar que o corpo da mulher negra não é apenas um lugar de carência ou de opressão, mas um território de resistência política onde a estética, longe de ser

[2] Infans: Termo de Lélia Gonzalez (1988) que refere-se a invisibilidade da criança quando os adultos falam por essa.

> futilidade, é uma estratégia de sobrevivência e de manutenção de subjetividades que a branquitude tentou aniquilar (Akotirene, 2019, p. 42).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a valorização das características físicas negras não configura um movimento isolado, mas uma resposta direta aos processos históricos de desumanização. Ao validar a experiência negra como matéria estética legítima, a literatura e a prática da transição capilar convertem o que antes era silenciado em um discurso de poder e cura.

Nesse sentido, a soberania estética constitui-se como a reconquista do direito de se autodefinir e de se autoestimar para além do olhar vigilante da branquitude, trata-se de um ato de autodefesa psíquica e de reafirmação da ancestralidade. Esse processo de embelezar os dias, como propõe a análise poética desse trabalho, transcende a denúncia política imediata para inaugurar uma nova estética da existência, um território simbólico na qual o trauma colonial é processado, ressignificado e finalmente transformado em orgulho identitário.

A construção da identidade negra feminina na contemporaneidade configura-se como uma verdadeira luta por novos significados. Ao atravessar as múltiplas avenidas da exclusão, as mulheres negras utilizam a interseccionalidade não apenas como um diagnóstico de suas dores, mas como um guia para sua libertação. Nesse sentido, a identidade reconstrói-se no embate entre a imposição e a liberdade entre o mapa das perdas históricas e o desenho de novos caminhos, consolidando um território em que a beleza emerge, enfim, como um instrumento definitivo de soberania.

Compreender a estética como um território de constante embate e, simultaneamente, como um espaço de reconstrução e cura subjetiva exige voltar a atenção para as vozes que desestabilizam as estruturas da branquitude na literatura brasileira. Torna-se fundamental examinar as poéticas que promovem uma profunda descolonização do corpo, convertendo marcadores corporais racializados em signos de altivez e poder. É fundamentado nessa premissa de insurgência, autodefinição e preservação da memória que se abre o próximo capítulo, voltado ao estudo da produção poética de Cristiane Sobral. Entende-se que, enquanto o aporte da interseccionalidade nos fornece o mapa analítico das assimetrias de poder, a criação literária de Sobral oferece a bússola para a travessia libertadora, transformando o verso em um ato contínuo de desobediência e reconstrução identitária. Por meio de

uma escrita ancorada na vivência e no afeto, a autora ergue o cabelo afro e a corporeidade negra como estandartes de soberania política, restaurando a dignidade e rompendo de forma definitiva com séculos de silenciamento histórico.

3 VOZES QUE ROMPEM O SILÊNCIO: A ESCRITA DE CRISTIANE SOBRAL

Esse movimento de retomada da própria identidade assume caráter de urgência política quando confrontado com a história das representações culturais brasileiras, historicamente marcadas por discursos que oscilam entre a violência explícita e o racismo cordial e o silenciamento camuflado por um movimento de liberdade de ir vir que nunca existiu de fato para as pessoas negras. Se a poética negra contemporânea ergue o cabelo como "árvore" de libertação, a indústria cultural e a literatura infantojuvenil frequentemente o transformaram em cativeiro estético ou objeto de ridicularização nacional. É o caso, por exemplo, do sucesso da música Fricote (1985), de Luiz Caldas[3], que inaugurou o movimento Axé Music ancorado no binômio da hipersexualização e da repulsa ao classificar a mulher negra através do deboche violento de seus traços ("nega do cabelo duro / que não gosta de pentear"). Na letra da música, o cabelo crespo é lido como desleixo, uma anomalia estética que precisa ser domada ou satirizada para o consumo das massas.

Essa engrenagem de estigmatização não atua de forma isolada na música popular adulta, mas, também é incutida na infância através de pedagogias sutilmente racistas. Mesmo em obras celebradas pela crítica nacional, como *Menina Bonita do Laço de Fita* (2011), de Ana Maria Machado, a valorização da beleza negra esbarra em um limite colonial, na qual a humanidade e a estética da menina negra só ganham validade através do olhar legitimador e do desejo de reprodução de um coelho branco, como aparece nos versos "Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando (Machado, 2011, p.7). A identidade preta, portanto, é colocada em um lugar de passividade exótica, um objeto de admiração exterior, e não um sujeito de sua própria emancipação.

---

[3] https://www.vagalume.com.br/luiz-caldas/fricote-2.html

Em outra perspectiva da literatura infantil brasileira, o livro *O Cabelo de Lelê*, de Valeria Belém (2007), embora tente caminhar em direção à autoaceitação, ainda se estrutura a partir de uma representação desproporcional do sofrimento inicial. O cabelo crespo é primeiramente apresentado como um problema matemático, um acúmulo de indagações e desconforto, para só depois ser resgatado pela história da diáspora. Essa necessidade sistemática de associar o fio crespo ao trauma inicial revela o quanto a nossa cultura condicionou o corpo negro à negação antes do afeto.

> Depois do Atlântico, a África chama
> E conta uma trama de sonhos e medos
> De guerras e vidas e mortes no enredo
> Também de amor no enrolado cabelo
>
> Puxado, armado, crescido, enfeitado
> Torcido, virado, batido, rodado
> São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!

(Belem, 2007, p. 14)

Nos versos selecionados acima fica evidente que a celebração da estética negra, é antecedida obrigatoriamente pelo peso da travessia e da violência colonial. Ao condicionar o “amor no enrolado cabelo” a um enredo de “guerras, vidas e mortes”, os versos reforçam que a identidade da criança negra precisa, necessariamente, carregar a herança do trauma como pré-requisito para o direito à beleza. Embora o desfecho busque a exaltação da pluralidade dos fios, a própria estrutura dos versos deixam claro que o afeto e a autoaceitação são concedidos quase como uma recompensa tardia após a dor, e não como uma condição natural e imediata de existência. A organização sintática e a progressão do texto forçam a subjetividade a atravessar um funil de sofrimento antes de alcançar a validação, espelhando a própria dura experiência histórica de ter o afeto e a humanidade continuamente negados.

Esse processo que condiciona o corpo e a subjetividade negra a uma dinâmica de violência contínua e reconhecimento tardio não ocorre por acaso, pois reflete o fundamento de profundos aparatos ideológicos. A fim de desvelar a lógica por trás dessas representações restritivas sustentadas pelas estruturas de poder, torna-se essencial resgatar o conceito de imagens de controle, cunhado pela intelectual norte-americana Patricia Hill Collins e analisado por Vinnie Bueno. Na obra *Imagens de controle*, um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins, Vinnie Bueno (2020)

examina como esses estereótipos moldados pelo racismo atuam como eixos de dominação estruturados para expropriar as mulheres negras de sua capacidade de autodefinição. Desse modo, a autora demonstra que a ruptura com esse ciclo de esvaziamento subjetivo exige a validação de novos saberes e sujeitos históricos, conforme mostra em sua análise:

> Ao incorporar cantoras, romancistas e ativistas como intelectuais, Patricia Hill Collins desafia as imagens de controle sobre mulheres negras a partir de uma outra concepção de intelectualidade, organizada no conhecimento produzido por mulheres negras, ainda que elas tenham vivenciado um longo período de supressão e diminuição de suas experiências e vivências enquanto passíveis de construção de conhecimento social. Uma vez que as instituições de produção de conhecimento reforçam essas imagens e acabam atuando para destituir essas mulheres de seus processos de autodefinição, formular uma teoria em que a intelectualidade é reconhecida para além dos parâmetros estabelecidos pelos grupos dominantes é uma forma poderosa de negar os estereótipos racistas e sexistas sobre essas mulheres e construir uma perspectiva autodefinida que possibilita o resgate da autonomia. (Bueno, 2020, p. 128)

A leitura que Bueno (2020) faz sobre o pensamento de Patricia Hill Collins nos mostra que redefinir quem pode ser intelectual é, no fundo, um ato de coragem política e de rebeldia contra o saber que nos foi imposto. Ao revelar como as instituições tradicionais ajudam sustentar os estereótipos que rotulam e controlam as mulheres negras, a análise evidencia que descolonizar o conhecimento não é esperar um convite para entrar em espaços formais. Trata-se, na verdade, de reconhecer o que nasce nas margens como sabedoria legítima. É assim que a autodefinição ganha força, não apenas como um conceito, mas como um jeito de viver. Quando as mulheres negras assumem o poder de dar nome a si mesmas e ao mundo, elas quebram o silêncio imposto pelos grupos dominantes, transformando cicatrizes e memórias de dor em instrumento de soberania, cura e liberdade coletiva.

Sob essa ótica de ressignificação, o ativismo intelectual dessas mulheres assume o papel fundamental de desafiar as chamadas imagens de controle, moldando, a partir da própria vivência, narrativas muito mais autênticas sobre a vida e o cotidiano da população negra. Bueno (2020) observa, contudo, que se por um lado a busca pelo exercício da própria voz se consolida como uma política de resistência crucial,

por outro, o silêncio não deve ser lido de forma imediata como sinônimo de submissão.

A autora declara que o silêncio, em muitas circunstâncias históricas, operou como uma sofisticada ferramenta de autodefesa e confronto, pois "o silêncio, muitas vezes, também é uma ferramenta de resistência. Basta pensar no impacto que a negativa em demonstrar sofrimento quando das violências exercidas por senhores de escravos aos corpos de mulheres negras produzia na resistência contra a escravidão" (Bueno, 2020, p. 135). Como o próprio texto aponta, havia um impacto profundo na escolha de não demonstrar sofrimento diante das brutalidades dos senhores de escravizados. Longe de ser submissão, esse silêncio altivo era a última fronteira de defesa da subjetividade, um território onde o opressor não conseguia entrar. A recusa do grito diante do açoite convertia-se, assim, em um manifesto silencioso de coragem, autoridade e direito à própria existência.

Nesse ponto de encontro entre o direito à palavra e o peso histórico dessas vivências, a obra de Cristiane Sobral ganha corpo e se afirma como um referencial indispensável da resistência das mulheres negras na contemporaneidade. Ao fundamentar-se na escrevivência, a produção poética de Sobral converte o ato literário na resposta exata a esse longo processo de silenciamento e dor. Sua escrita recolhe tanto os silêncios ancestrais de quem precisou calar para sobreviver quanto o grito atual de quem exige falar, transformando o poema em um espaço seguro de contestação política, preservação da memória e consolidação da soberania negra. A poesia de Sobral, portanto, é a própria intelectualidade de Collins em ação, ou seja, uma teoria viva, nascida da pele, que recusa os espelhos do colonizador para desenhar, com linhas próprias, a autonomia de existir.

A produção literária de Sobral, nesse contexto, estabelece-se como um referencial da resistência das mulheres negras na contemporâneidade. Ao fundamentar-se no conceito de escrevivência, sua produção converte o ato literário em uma voz de contestação política, preservação da memória e consolidação da identidade negra. Em sua obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) observa-se que a escrita transcende a mera contemplação estética, constituindo-se, primordialmente, como um gesto político que tensiona as estruturas históricas de silenciamento e apagamento. A partir de suas narrativas, é possível analisar de que maneira o corpo negro, por meio da representação da estética capilar, desprende-se

de sua condição histórico-subordinada de objeto de normas estéticas para afirmar-se como um lugar de soberania e subjetividade.

Para as mulheres negras, o cabelo crespo não é apenas uma questão biológica, ele emerge como elemento central da identidade, tornando-se um símbolo vivo de resistência política e vínculo ancestral. Através da “poética do fio”, Sobral transforma o preconceito do “cabelo ruim”, historicamente usado como mecanismo de subalternização, em um signo de soberania e identidade negra. Ao reivindicar o direito de “deixar o cabelo em paz”, a autora não apenas descreve uma escolha estética, mas inscreve o corpo crespo como lugar de liberdade, onde cada fio é traço da memória que rompe o silêncio e redefine o que significa ser e estar no mundo como mulher negra.

Historicamente, essa redefinição se faz urgente porque o corpo negro foi submetido a severos processos de apagamento e colonização estética, uma realidade denunciada por Santos (2000, p. 9-10) ao resgatar os métodos dolorosos usados para forçar o crespo a se adequar aos padrões eurocêntricos:

> Os discursos sobre a importância do cabelo na composição da estética negra são tema de imagens aproximativas, contrastivas e de conteúdo político. A aproximação é a suposta harmonia estética do rosto das sociedades ocidentais, em que os cabelos considerados bonitos são lisos e compridos. Em razão dessa colonização cultural, os negros usavam ferro quente (que os baianos apropriadamente denominam cabelo frito), pastas, alisantes e outras alquimias, construindo-se um ideal negro associado ao uso desse instrumental.

É precisamente em contraposição a esse histórico de violências e imposições coloniais que a liberdade poética que Sobral desenha ganha relevância teórica na realidade das relações raciais no Brasil. No plano literário, a decisão de não alisar o cabelo crespo funciona como uma reação firme contra os mecanismos de poder que tentam normatizar e controlar os corpos negros. Longe de ser apenas uma característica física, o cabelo crespo surge como um verdadeiro espelho das tensões raciais do país, um elemento que pode carregar o peso da opressão, mas que também se desdobra em ferramenta de libertação e originalidade. Essa ambivalência política e cultural do cabelo negro é amplamente discutida por Gomes (2016, p. 42), ao mapear o significado histórico e a força dessa identidade capilar:

> O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a questão histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico-racial foi relegado estar no polo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no polo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.

A necessidade de recriar práticas culturais e conquistar autonomia, proposta por Gomes (2016), encontra um terreno urgente e acolhedor quando direcionada à infância. Para romper com a lógica colonial que tenta empurrar o cabelo crespo para o lugar da rejeição, torna-se indispensável proteger e reconfigurar o imaginário infantil antes que as marcas do racismo estético se aprofundem. É nessa intersecção entre o afeto protetivo e a construção da subjetividade que bell hooks introduz sua perspectiva revolucionária, mostrando que o amor e o carinho com o cabelo crespo não são meras vaidades estéticas, mas sim ferramentas políticas fundamentais para formar crianças negras fortes, saudáveis e conscientes de si.

Essa perspectiva ganha vida em *Meu Crespo de Rainha* (2018), onde hooks não estava apenas criando uma história infantil, mas tecendo um abraço em forma de discurso afirmativo para acolher e fortalecer a identidade de tantas meninas negras. Com muita delicadeza, a obra abre espaço para que o cabelo afro seja visto, sentido e valorizado em toda a sua pluralidade, transformando-se no coração da beleza e da estética negra. Para alcançar o imaginário das crianças, a autora transforma a poesia e o brincar em ferramentas de sobrevivência política, capazes de curar as feridas do racismo estético e nutrir a alma dessas meninas desde cedo.

É justamente por meio dessa costura de afeto que a obra ganha força, especialmente quando a autora escreve sobre um "cabelo lindo e de cheiro de doce; uma tiara, uma coroa cobrindo cabeças cheias de estilo" (hooks, 2018,p. 5). Ao trazer o cheiro de doce para a cena, hooks desperta em nós uma memória sensorial, que afasta de vez aquele velho estigma doloroso de desleixo e o substitui por puro carinho. A imagem da "coroa" e da "tiara" é o ponto alto dessa celebração: ela

devolve o topo, a dignidade e a soberania para essas meninas, mostrando que seus cabelos não pertencem às margens, mas a um lugar de realeza e orgulho.

Esse cuidado também se manifesta na liberdade que ela dá as formas e contornos em versos como “cabelo pra pentear, cabelo pra enfeitar” e “pra enrolar e trançar ou deixar como está” (hooks, 2018, p. 8). Ao apresentar tantas formas de cuidar do crespo, a autora desmistifica a ideia de que nossos fios são difíceis ou limitados, revelando um universo de possibilidades. Mas o que mais toca é a preciosidade do “deixar como está”. Este texto dá à criança o direito mais bonito de todos, o de existir em seu estado natural, protegida das químicas e da cobrança cruel de se encaixar em padrões eurocêntricos.

Essa mesma busca pela preservação da identidade natural, ensinada por hooks na infância, se manifesta de forma madura e visceral na poesia de Sobral. No poema “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”, Sobral anuncia: “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz, / não vou domá-lo, / não vou transformá-lo, / ele será meu território livre” (Sobral, 2014, p. 15). A escolha de deixar o cabelo natural transcende a estética, sendo um ato de insurgência, de recusa à docilização dos corpos e de construção de um espaço de autonomia. O fio é linguagem, memória e poder.

Esse mergulho na subjetividade e na resistência ganha ainda mais relevância no poema “Black no preto”, no qual a autora exalta a negritude como força de sobrevivência que transforma o corpo em monumento histórico:” Preto é sempre/ E não nega a raça” (Sobral, 2014, p. 29). Nesses versos, Sobral contrapõe a tentativa do racismo estrutural de vigiar a identidade negra ao firmar o cabelo e a pele como provas irrefutáveis de existência e ancestralidade. A afirmação categórica de que o "Preto é sempre" denuncia a redução estereotipada e reivindica a permanência e a dignidade do sujeito negro frente aos mecanismos de apagamento.

Por sua vez, em “Tridente, o meu pente”, a poetisa desloca o olhar para o cotidiano, convertendo o ato de pentear os cabelos em um ritual sagrado de autocuidado e afirmação política:“Diferente, o meu pente/ Quase um tridente/ Transforma a ordem / Sem fazer desordem” (Sobral, 2014, p. 21). A metáfora do pente como "tridente" articula o elemento estético ao bélico e ao sagrado, revelando como o eu-lírico entrelaça a dimensão individual à memória coletiva. O cuidado com o cabelo crespo deixa de ser uma mera rotina estético-higiênica e passa a operar

como pedagogia de reexistência, em que cada movimento reafirma a autonomia e a recusa à submissão.

A escrita poética de Cristiane Sobral estabelece um diálogo profundo com outros nomes expressivos da literatura negra contemporânea, como Jarid Arraes (2018), que mobiliza temas de memória, ancestralidade e a fenomenologia do corpo. Para Arraes, a estética não é um adorno, mas uma forma de habitar o mundo com consciência histórica. Sobre a relação entre o corpo, a identidade e a imposição de padrões eurocêntricos, a autora afirma: “o meu corpo é um mapa / de fugas e de voltas / e o meu cabelo é a árvore / onde enforquei o medo / de não ser aceita.” (Arraes, 2018, p. 54).

Ao desenhar o cabelo crespo como uma árvore cheia de vida, onde se deixa para trás o anseio por aceitação, a poesia de Jarid Arraes abraça o pensamento emancipatório de bell hooks. Para hooks, a cobrança para seguir padrões de beleza que não são nossos é, na verdade, uma tentativa de silenciar a identidade e prender a mente negra. Quando Arraes (2018) quebra essa corrente através de suas palavras, ela dá forma a uma cura profunda, que hooks chama de descolonizar a mente: um movimento bonito de volta para casa, de retorno a si mesma. É o momento em que o corpo negro deixa de carregar o peso do preconceito para se transformar em um porto seguro, cheio de orgulho, respeito e dignidade.

Assim, esse movimento de voltar para si mesma e recuperar o próprio orgulho deixa de ser só uma cura individual e passa a fazer parte de algo muito maior, que acolhe a todas nós. Afinal, curar o coração e a mente também exige olhar para trás com carinho, reconhecendo que cada fio de cabelo traz o eco de gerações inteiras de mulheres que resistiram para que o presente fosse possível. É nesse abraço entre quem somos agora e as histórias de quem veio antes que o nosso visual se transforma em um testemunho vivo de nossa história.

Essa perspectiva caminha de mãos dadas com a obra *Esse Cabelo* (2015), na qual Djaimilia Pereira de Almeida afirma: “Não é contos de fadas da mestiçagem, mas é uma história de reparação” (Almeida, 2015, p. 15). Nela, o fio capilar é convertido em símbolo de resistência e memória coletiva. Para a autora, o cabelo é concebido como um marcador simbólico que condensa experiências históricas, identitárias e afetivas vinculadas às trajetórias da população negra, funcionando como um arquivo vivo que carrega a genealogia de quem veio antes..

Assim, tanto em Arraes (2018) quanto em Almeida (2015), o ato de assumir a textura natural do cabelo é um gesto de “enforcar o medo” do julgamento colonial para, em seu lugar, plantar a certeza do pertencimento e da soberania estética. Sob essa ótica, a literatura dessas autoras ultrapassa o campo da representação para configurar-se como um território de reexistência, onde o corpo negro deixa de ser o alvo da opressão para tornar-se o próprio centro da narrativa e da cura histórica.

Nesse cenário de reafirmação identitária, o cabelo crespo na obra de Cristiane Sobral assume a centralidade da análise, configurando-se não apenas como temática, mas como eixo estruturante da identidade negra e recurso pedagógico na sociedade contemporânea. Assim, a poética de Sobral oferece o suporte teórico e sensível para o letramento racial crítico, ao conscientizar estudantes para desvelar as complexas intersecções entre corpo, estética, raça e memória histórica. Consequentemente, o contato com sua lírica favorece a problematização de questões como racismo, autoestima e representatividade, consolidando a sala de aula como um espaço de reflexão crítica, resistência e emancipação subjetiva.

A obra revela uma construção estética cuidadosamente articulada, na qual a concisão, a musicalidade e o ritmo aproximam-se da oralidade afro-brasileira, evocando tradições de resistência e celebração da vida negra, esses recursos formais fortalecem a dimensão política da escrita, ampliando sua potência de insurgência e a ressignificação da experiência negra no cenário literário contemporâneo.

Além do cabelo e da estética corporal, memória e ancestralidade são elementos estruturantes da escrita de Sobral. O passado colonial, a escravidão e o racismo cotidiano atravessam seus poemas como pano de fundo que é tensionado e ressignificado, projetando novas possibilidades de existência e protagonismo negro. Ao articular corpo, memória e ancestralidade, Sobral transforma a literatura em recurso de emancipação estética, política e pedagógica.

Dessa forma, a escrita de Cristiane Sobral reafirma o papel da literatura afro-brasileira como um campo insurgente, no qual cada palavra é resistência, memória e afirmação. Ao articular vida e escrita, individual e coletivo, memória e criação, sua poética evidencia que compreender Cristiane Sobral é compreender a prática da escrita negra como ato de insurgência, cura e soberania.

A recepção crítica da obra de Cristiane Sobral caracteriza-se por reconhecer na autora uma intelectual da resistência afirmativa, cuja produção marca um movimento

de transição na literatura afro-brasileira. A crítica é unânime em situá-la como herdeira e protagonista da tradição inaugurada pelo grupo “Quilombhoje”, especialmente por sua presença constante nos Cadernos Negros desde a década de 1990. Para críticos como Domício Proença Filho e Eduardo de Assis Duarte, Sobral mantém o compromisso político da geração pioneira, mas introduz uma dicção mais urbana, irônica e performática, fortemente influenciada por sua formação nas artes cênicas.

Essa postura insurgente e multifacetada ganha materialidade em um *corpus* que abrange diferentes gêneros e temáticas. Obras fundamentais como *Não vou mais lavar os pratos* (2011) tornaram-se marcos de libertação feminina ao confrontarem a domesticidade compulsória e o papel servil historicamente atribuído à mulher negra. Em *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), a autora aprofunda a discussão estética, elevando o cabelo crespo ao estatuto de signo político e território de identidade, obra que se torna central para a compreensão da transição capilar como ato de descolonização. Em suas incursões pela prosa, como nos contos de *O tapete voador* (2016) e na organização de *Pretos em conto: Antologia crítica* (2011), Sobral desvela as nuances do racismo cotidiano, enquanto em *Terra negra* (2017), reafirma o pertencimento e a territorialidade da alma negra na diáspora.

Nesse sentido, a fortuna crítica de Sobral a posiciona como uma das vozes mais contundentes da chamada “Geração de 90”, destacando-se pela capacidade de unir o rigor estético à urgência política. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2011), a escrita da autora é emblemática por operar uma transição da denúncia para a afirmação, onde o eu-lírico não apenas sofre o racismo, mas o desvela através de uma ironia:

> A poesia de Cristiane Sobral é marcada por uma dicção que privilegia a autoafirmação e o resgate da autoestima. Nela, o corpo da mulher negra deixa de ser o 'outro' da literatura brasileira para se tornar o centro de um discurso que celebra a ancestralidade e a beleza, sem abdicar da crítica social ferina contra os estereótipos coloniais.” (Duarte, 2011, p. 142).

Essa percepção comprova a tese de que a obra de Sobral realiza uma verdadeira pedagogia da representação. Ao debruçar-se sobre os referidos poemas, pesquisadores como Maria Nazareth Soares Fonseca e Regina Dalcastagnè reforçam que a autora utiliza a literatura para romper o silenciamento histórico,

transformando o poema em um dispositivo de letramento racial. Para Fonseca, Sobral não escreve apenas para o deleite, mas para a afirmação de uma subjetividade que transmuta a dor em um exercício de soberania. Reforçando esse posicionamento institucional, o portal Literafro (UFMG) destaca que a autora consolida uma poética que transita entre a dramaticidade do teatro e a concisão do verso, estabelecendo o corpo negro como um território de enunciação que desafia a invisibilidade histórica imposta às mulheres negras na literatura nacional.” (Literafro, 2026).

Ao analisar esse impacto da produção poética de Cristiane Sobral, a Estética da Recepção, formulada por Hans Robert Jauss (1994), oferece um arcabouço metodológico eficaz, desde que tensionada pelas lentes das relações raciais. Jauss postula que toda obra literária é recebida em um contexto delimitado pelo “horizonte de expectativas” do público, um sistema de referências que envolve as experiências prévias de leitura, as convenções estéticas da época e a visão de mundo compartilhada por determinada sociedade. Nesse sentido Jauss (1994, p. 22) anuncia que:

> A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual.

Esse entendimento deixa claro que a interpretação de uma obra é um processo histórico que ocorre no espaço entre o texto e o leitor. No Brasil, essa dinâmica foi profundamente afetada pela herança colonial, que condicionou a sociedade a enxergar o corpo negro a partir de extremos violentos: ou por meio do deboche explícito (como ocorre na canção “Fricote”) ou através do afeto condescendente e tutelar típico do racismo à brasileira, visível em narrativas infantis tradicionais como Menina Bonita do Laço de Fita.

É precisamente contra essa zona de conforto estético e ideológico que a poesia de Sobral opera o que Jauss chama de “distância estética”. Segundo o teórico, “a distância estética mede-se pela oposição entre o horizonte de expectativas preexistente e o aparecimento de uma nova obra” (Jauss, 1994, p. 3). Ao transformar o cabelo crespo e o corpo negro em locais de soberania, memória e

altivez política, O eu-lírico não apenas entrega um novo arranjo de palavras, mas provoca uma fratura no horizonte de expectativas de uma comunidade de leitores condicionado à passividade ou à subalternização desses corpos. A poesia negra contemporânea, portanto, rompe as expectativas estéticas brancas e eurocêntricas, forçando o leitor a um estranhamento necessário. Esse choque receptivo reconstrói o ato da leitura, para o leitor negro o rompimento do horizonte colonial promove o reencontro com a própria humanidade e a emancipação, para o leitor branco, desestabiliza os privilégios epistêmicos da branquitude, transformando a literatura em um verdadeiro ato de contestação e reposicionamento histórico.

No prefácio de Carta da Terra, a escritora Elisa Lucinda (2017, p.12) tece uma crítica contundente ao conservadorismo das instituições de saber, ao afirmar que, embora a imortalidade da autora já seja um fato, “as academias ainda desfilam seus pobres ares de eurocêntricas nobrezas e pouco costume de não portar vozes não oficiais”. Para Lucinda, a escrita feminina negra não pede licença; ela é, em essência, “a voz que se nega ao silenciamento, a voz que se impõe à porta da Casa Grande e entra”. Essa perspectiva reforça a função política da literatura de Cristiane Sobral, que não apenas ocupa espaços, mas subverte a lógica colonial, transformando a palavra em uma ferramenta de invasão e ocupação simbólica de territórios que historicamente lhe foram negados.

O mapeamento da produção acadêmica stricto sensu no site da Capes[4],revela um interesse crescente e multifacetado pela literatura de autoria negra feminina, com especial destaque para a obra de Cristiane Sobral. No âmbito do doutorado, destaca-se a tese de Mirian Cristina dos Santos (2018), intitulada “Intelectuais negras: Prosa negro-brasileira contemporânea”, defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que oferece um panorama crítico fundamental sobre a inserção e o impacto dessas escritoras no cenário literário atual.

No âmbito das dissertações de mestrado acadêmico, observa-se uma concentração de pesquisas dedicadas à identidade, resistência e corporeidade da mulher negra. Nessa vertente, Cristiane Veloso de Araújo Pestana (2017), “A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral – luta, valorização e empoderamento”, que investigou as dimensões de luta, valorização e empoderamento nas poesias de Sobral na UFJF. Avançando nessa discussão, Larissa Rejane Silva Brito (2021), “A

[4] https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/ Acesso em 24/05/2026

identidade da mulher africana diaspórica, em Não vou mais lavar os pratos de Cristiane Sobral", debruçou-se sobre a construção da identidade da mulher africana diaspórica, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Jaqueline Cunha Gonçalves (2024) "Cabelo, resistência e ressignificação: um estudo sobre o cabelo como forma de identidade da mulher negra em o tapete voador" (2016), verticalizou o debate sobre a corporeidade ao investigar o cabelo crespo como elemento central de resistência e ressignificação identitária na obra O Tapete Voador.

Por outro lado, uma parte significativa dos estudos concentra-se especificamente na análise estética e poética dos escritos de Sobral. É o caso da pesquisa de Karen Katiucia Oliveira Leite (2021), desenvolvida na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), "Cristiane Sobral: uma voz de resistência na poesia contemporânea", que posiciona a autora como uma voz incontornável de resistência na poesia contemporânea. Complementando essa leitura, Rafena Lima Araujo (2023), "As reconstruções de identidades negras nos contos de Cristiane Sobral" investigou as nuances das narrativas curtas da autora na Universidade Federal do Piauí (UFPI), mapeando os processos de reconstrução das identidades negras dentro de sua produção contista.

Por fim, a potência pedagógica e social dessas obras também encontra eco em pesquisas voltadas para a área da educação. Na Universidade Federal de Catalão (UFCat), Priscilla Patricio de Holanda (2022) em "O Potencial educativo da obra afro-feminina O Tapete Voador de Cristiane Sobral", onde analisou o potencial educativo e formativo da obra afro-feminina O Tapete Voador. Essa preocupação com o espaço escolar e a formação de leitores se estende ao Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), onde Leide Maria de Souza Rodrigues (2020), "Letramento literário e crítico no ensino fundamental: narrativas de Conceição Evaristo e Cristiane Sobral", propôs caminhos para o letramento literário e crítico no Ensino Fundamental por meio do estudo cruzado das narrativas de Conceição Evaristo e Cristiane Sobral.

3.1 Cristiane Sobral: A Escrevivência como Ato de Poder

Cristiane Sobral consolida sua voz em um cenário no qual a autoria negra feminina enfrentou, historicamente, o apagamento generalizado. Sua escrita é herdeira de uma linhagem de mulheres que lutam para ocupar o lugar de narradoras

em um território literário ainda marcado pela exclusão. Sobre essa disparidade representacional, Regina Dalcastagnè (2012, p. 148) observa: “A literatura brasileira contemporânea é um espaço de privilégio, onde poucos falam para muitos, e onde a perspectiva daqueles que estão nas margens da sociedade — negros, pobres, mulheres da periferia — é sistematicamente silenciada ou mediada pelo olhar do outro.” Nesse sentido, para Sobral, a literatura configura-se como um prolongamento de sua existência multifacetada, como mulher negra, atriz e educadora, constituindo um espaço no qual o conceito de escrevivência se materializa como um efetivo ato de poder e de retomada da própria narrativa.

É imprescindível destacar que a poesia contemporânea de Cristiane Sobral reflete contextos diversos, debatendo não apenas questões raciais, mas também as experiências subjetivas da mulher negra, da própria autora e de seu fazer poético, este último entendido como um exercício vivo, dinâmico e em constante diálogo com a realidade. Essa postura evidencia-se no poema “Quebra-Cabeça”, no qual Sobral problematiza o processo de criação e o ofício de ser poeta: “Fazer um poema não é fácil / Catar palavras ao vento / Escolher matéria prima / Reciclar / [...] Revirar as emoções / Olhar pra dentro e pra fora / [...] Ainda não escrevi tudo o que preciso / Restam páginas de sonho / Ainda tenho um baú de memórias (Sobral, 2014, p. 128).

O poema evoca expressamente o desafio do escritor diante da página em branco. Poeticamente, essa travessia evidencia-se através da sintaxe do fragmento e do vocabulário de ação manual (catar, escolher, reciclar, revirar), que desmistificam a inspiração romântica e traduzem o fazer poético em uma "carpintaria" tátil e física. A página em branco não se apresenta como um vazio passivo, mas como um tabuleiro desarticulado em que cada verso atua como uma peça que exige paciência e lapidação.

Além disso, a coordenação de direções "olhar pra dentro e pra fora" e o uso de advérbios de incompletude “ainda não”, "restam" imprimem um ritmo pendular e urgente, evidenciando que vencer o vazio da folha exige articular a introspecção à leitura do mundo. Essa construção artesanal dialoga diretamente com a reflexão de Octavio Paz (2012), para quem a poesia é indissociável da experiência coletiva: “o poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido, nem sequer existência, sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta.” (Paz, 2012, p. 191). Ao alinhar a busca poética individual à memória compartilhada, Sobral demonstra que o desafio

da escrita não reside apenas em preencher o papel, mas em mediar a subjetividade pessoal e a história de sua comunidade.

Ao expandir essa perspectiva, compreende-se que o poema não se reduz a um mero exercício estético individual, mas consolida-se como uma prática situada, atravessada por vozes, memórias e tensões históricas. A linguagem poética opera como um espaço de mediação entre o sujeito e o mundo, no qual experiências coletivas são reelaboradas e devolvidas à comunidade sob novas formas de significação. Nesse sentido, o trabalho com a palavra, essa “carpintaria” que implica selecionar, reorganizar e ressignificar fragmentos da realidade, transforma o verso em um discurso capaz de produzir reconhecimento e deslocamento crítico. Essa práxis traduz a conversão da dor e da memória em estrutura de resistência: a linguagem deixa de ser um mero reflexo abstrato do pensamento e torna-se um objeto trabalhado, tátil e politicamente orientado.

É precisamente nesse ponto que a noção de escrevivência se articula de modo mais contundente. A relação intrínseca entre o fazer literário, a história coletiva e a subjetividade ferida constitui o seu cerne, na medida em que a escrita deixa de ser apenas representação para tornar-se experiência vivida e compartilhada. Ao tratar o texto como um campo em que memória pessoal e ancestralidade se entrelaçam, Conceição Evaristo (2005, p. 202) evidencia o peso emocional e político da escrita:

> Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

A dor mencionada por Evaristo (2005) ressoa no “quebra-cabeça” de Sobral, ao afirmar que “não é fácil catar palavras ao vento”, reconhece que sua matéria-prima é a própria vida em comunidade, marcada por silenciamentos que a escrita busca interromper. O movimento de “olhar para dentro e para fora” ratifica a ideia de Paz de que “o poeta não escapa à história” (2012, p. 195), ao mesmo tempo em que dialoga com o gesto de “ferir o silêncio imposto”, apontado por Evaristo.

Nesse sentido, o “baú de memórias” e as “páginas de sonho” não se restringem ao âmbito íntimo, mas configuram fragmentos de uma história coletiva que se transforma em linguagem. A escrita poética de Sobral estabelece, assim, um diálogo no qual a subjetividade da mulher negra se torna ponto de convergência para a compreensão da experiência humana. O fazer poético traduz-se no esforço de recompor uma identidade atravessada por séculos de memória e resistência, fundamento que sustenta a análise dos signos do corpo e do cabelo como elementos centrais dessa escrita.

A necessidade de comunicação reciproca, apontada por Paz (2012), é reafirmada por Sobral ao definir sua estética como uma força de abalo e reconstrução. Para a autora, o alcance do texto literário reside na capacidade de “tocar o leitor”, ultrapassando a fruição passiva e instaurando o que se pode chamar de uma estética da recepção insurgente. Ao declarar sua relação com a linguagem, Sobral pontua: “a palavra para mim tem o sentido de instigar, gerar, é diabólica, já que o sentido de “diabólico” é o que transforma a ordem sem fazer desordem. Creio na palavra como aquela que traz o caos e, ao mesmo tempo, reinventa as nossas vidas.” (Sobral, 2017, p. 118).

Com o uso do termo “diabólica” para definir a própria palavra, Sobral realiza uma fundamental transposição de sentido. Historicamente, o projeto colonial utilizou o viés religioso para legitimar a dominação, associando o eurocentrismo à ordem divina e demonizando os corpos, saberes e espiritualidades de matriz africana. Nesse arcabouço ideológico, o “diabólico” ganha a incumbência de implodir a falsa harmonia imposta pelo colonialismo. Diante de um discurso hegemônico que tenta unificar a sociedade sob a ilusão da democracia racial, a poesia de Sobral revela-se abertamente rebelde: ao ressignificar o anátema colonial, a autora desmonta as estruturas do silenciamento, desarticula os clichês racistas e expõe os abismos da exclusão social e racial.

No âmbito da escrevivência, esse “caos” mencionado corresponde ao desmonte deliberado das estruturas racistas que organizam o imaginário social. Não se trata de uma desordem gratuita, mas de uma metanoia literária, o caos é o estágio necessário para que as antigas formas de subjetividade, moldadas pelo olhar do “Outro”, sejam implodidas. Sua escrita poética atua, portanto, como um agente de desestabilização e recriação, em que o “diabólico” limpa o terreno para que o “simbólico” agora autêntico e negro, possa ser reconstruído.

Desse modo, a força geradora da palavra permite que a matéria-prima das memórias e do corpo, como o cabelo crespo, deixe de ser apenas um lugar de dor e estigma para tornar-se um território de invenção e liberdade. O cabelo crespo, quando atravessado por essa palavra “diabólica”, deixa de ser o problema na ordem estética branca para tornar-se a solução na ordem da soberania negra. A escrita de Sobral, ao trazer o caos às normas de beleza eurocêntricas, reinventa a vida da mulher negra, transformando o ato de pentear-se ou de exibir o fio natural em uma coreografia de poder e uma afirmação política inalienável.

3.2 Identidade, Liberdade e Ancestralidade: O Cabelo crespo como espaço de soberania

Na poética de Cristiane Sobral, identidade, liberdade e ancestralidade se manifesta na postura de ativa insubmissão do corpo negro contra a subordinação estético e colonial. Ao recusar o lugar da subalternidade, Sobral evoca a memória ancestral da fuga não como sinal de medo, mas como o exercício da mais pura liberdade em uma estratégia consciente de emancipação. Essa resistência ganha corpo quando o eu-lírico rejeita o reflexo enganoso dos padrões eurocêntricos, que buscam silenciar e descolorir a identidade negra. É nesse movimento de ruptura que o cabelo crespo deixa de ser uma mera característica física para se consagrar como o espaço definitivo de soberania. O fio natural passa a ser o anúncio visual de um sujeito que decide enfrentar o sistema e estabelecer as suas próprias regras, uma tomada de posição contundente que ganha ritmo e forma nos versos de “Retina Negra”:

Retina Negra

Sou preta fujona
Recuso diariamente o espelho
Que tenta me massacrar por dentro
Que tenta me iludir com mentiras brancas
Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz

Sou preta fujona
Para enfrentar o sistema
Empino o black sem problema
Invado a cena

Sou preta fujona

Defendo um escurecimento necessário
Tiro qualquer racista do armário
Enfio o pé na porta
E entro.

(Sobral, 2014, p. 20)

Organizado em três estrofes de versos curtos, ligeiros e marcados pela primeira pessoa, o poema apoia-se no uso dinâmico dos verbos no presente para imprimir urgência e concretude ao discurso. Cada uma das três estrofes é encabeçada pela anáfora “Sou preta fujona”, que funciona como um bloco de autoafirmação e demarca a progressão do eu-lírico: na primeira estrofe, ocorre a recusa e a resistência ao espelho; na segunda, o enfrentamento estético e a ocupação da cena; na terceira, a consolidação da presença e a invasão do espaço.

Na primeira estrofe, a repetição insistente de “que tenta” expõe o jogo de forças contra a violência simbólica do padrão eurocêntrico. O espelho surge como um dispositivo disciplinador da branquitude que busca “descolorir”, iludir e apagar a subjetividade negra. Diante dessa agressão diária, a autodesignação “preta fujona” ganha uma potente duplicidade semântica: no plano histórico, resgata a memória da mulher negra escravizada que recusava o cativeiro da senzala; no plano subjetivo contemporâneo, representa a negação consciente de ajustar-se aos moldes de beleza impostos pelo racismo estrutural.

A transição para as estrofes seguintes revela que a fuga ancestral não significa acovardamento, mas estratégia de insubordinação. O movimento de esquivar-se do espelho alienante é o mesmo que projeta o eu-lírico para a ação pública “Empino o black sem problema / Invado a cena" (Sobral, 2014, p. 20). Assim, a poesia de Sobral desarticula a lógica do silenciamento ao transformar o estigma colonial da “fujona” em um estandarte de emancipação. O poema culmina no anúncio de um “escurecimento necessário” que rompe com qualquer tentativa de apaziguamento: a subjetividade negra deixa de pedir licença e afirma sua soberania plena ao “enfiar o pé na porta”.

A discussão acerca do cabelo crespo na experiência da mulher negra insere-se nesse campo complexo de disputas simbólicas e políticas. Ao longo da modernidade colonial, a estética operou como dispositivo de hierarquização racial, instituindo padrões eurocêntricos como norma universal e relegando os traços negros à marginalidade. Nesse sentido, o cabelo crespo não pode ser compreendido apenas

como atributo físico, mas como signo político atravessado por processos de racialização, silenciamento e resistência.

A obra de Cristiane Sobral (2014) propõe uma ruptura crítica nesse cenário ao reposicionar o corpo negro como lugar de enunciação, memória e soberania. Sua escrita poética entrelaça identidade, liberdade e ancestralidade como fundamentos de um projeto de emancipação no qual o sujeito negro deixa de ocupar o lugar de objeto da história para assumir a condição de autor de sua própria narrativa.

Essa identidade, sob tal perspectiva, não se configura como um dado essencialista, mas como uma construção histórica mediada por relações de poder. Conforme argumenta Sueli Carneiro (2005), o racismo atua como um sistema de produção de inferioridade que incide diretamente sobre o corpo negro, regulando sua visibilidade, legitimidade e valor social. Esse processo implica a negação da humanidade plena da população negra, produzindo o que a autora denomina "epistemicídio": a desqualificação e o apagamento sistemáticos dos saberes e das experiências negras.

> Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações. (Carneiro, 2005, p. 84)

É precisamente contra esse mecanismo de dominação que a literatura negra se contrapõe, ao manifestar em seus versos a recusa às “mentiras brancas” do espelho que tenta “massacrá-la por dentro”, Sobral está operando uma ruptura direta nesse epistemicídio estético denunciado por Carneiro (2005). Para a poeta, “ser uma mulher negra no Brasil é, antes de tudo, um exercício diário de resistência” (Sobral, 2010, p. 19). Essa resistência se materializa na reconstrução de uma autoimagem positiva, na qual o cabelo crespo, historicamente associado à desordem e à inferioridade pelo olhar do colonizador, é finalmente ressignificado como o principal marcador de pertencimento e soberania.

A liberdade, por sua vez, deve ser compreendida como prática cotidiana de descolonização do corpo. Em “Não vou mais lavar os pratos” (2011), Sobral explicita essa ruptura ao declarar: “não vou mais aceitar o lugar que me foi imposto” (Sobral, 2010, p. 23). Essa recusa não se limita ao plano simbólico, mas implica

transformações concretas nas formas de existir e de se apresentar no mundo. O abandono de práticas como o alisamento compulsório representa, nesse sentido, uma insurgência contra tecnologias de dominação que historicamente buscaram apagar os traços africanos.

Essa perspectiva dialoga com Grada Kilomba (2019), para quem o racismo cotidiano opera como uma estrutura de silenciamento e fragmentação da subjetividade negra. Longe de ser um fenômeno isolado, a autora explica que “africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com o trauma individual, mas também com o trauma coletivo e histórico do colonialismo, revivido e reatualizado pelo racismo cotidiano” (Kilomba, 2019, p. 211). Diante desse cenário de violências reinscritas no corpo, o ato de assumir o cabelo natural se consolida como uma ferramenta de cura e reconstrução identitária, interrompendo o ciclo de autonegação internalizado.

No verso “empinar o black sem problema” de Sobral funciona exatamente como a resposta reparadora e política ao trauma apontado por Kilomba (2019), o gesto de assumir o cabelo natural transita de uma escolha estética para uma prática de cura e reconstrução subjetiva, rompendo com a lógica da opressão internalizada. Dessa forma, o corpo deixa de ser objeto de controle para se tornar espaço de soberania, isto é, o direito à autodeterminação e à produção de sentidos próprios, sem a mediação do olhar hegemônico. Sobral condensa essa perspectiva ao expressar: “meu corpo é meu território de fala” (Sobral, 2010, p. 45), transformando o crespo na linguagem que comunica essa autonomia. É nesse terreno que a ancestralidade emerge não como um passado fixo ou estático, mas como força dinâmica que orienta o presente. Essa concepção converge com as contribuições, que compreende o corpo negro como um espaço político de inscrição de saberes.

Para Gomes, o cabelo crespo constitui um elemento central na construção da identidade e na produção de uma contra-narrativa ao racismo. Na poética de Sobral, essa ancestralidade defendida por Gomes manifesta-se na valorização do cabelo como memória viva, um arquivo biográfico que reconecta o sujeito à sua história silenciada. Essa reconstituição do passado por meio dos fios e sua releitura positiva na sociedade se fazem nítidas nos versos do poema “Amuleto da Sorte”, no qual Sobral evidencia a valorização do cabelo crespo como instrumento de poder. O eu-lírico apresenta-se com fios “perfumados por um óleo ungido cheio de cura e vida / Crespos, revoltos, empoderados", para logo em seguida declarar: "Vou à luta com o

meu pixaim, meu baobá / Enfrentando mentiras para escravizar o povo preto" (Sobral, 2014, p. 26). Ao associar o cabelo crespo à grandiosidade e à ancestralidade do "baobá", a autora converte a estética em um manifesto político de combate ao racismo.

Essa mesma linhagem de valorização da memória e da soberania estética, inaugurado de forma expressiva na poética de Cristiane Sobral, estende-se e ganha novos contornos na obra de Luciene Carvalho, cuja escrita expande e materializa essas reflexões no campo poético. Se em Sobral o ato de “empinar o black sem problema” funciona como uma resposta altiva à opressão, no poema “Fios Soltos”, Carvalho constrói uma narrativa de afirmação semelhante, na qual o crespo é evocado como símbolo de libertação coletiva. Ao afirmar que “o black power voltou” (Carvalho, 2018, p. 91), a autora não celebra apenas um estilo, mas atualiza o movimento histórico de resistência negra de que nos fala Gomes, ecoando a postura de insubmissão tão demarcada nos versos de Sobral. Essa articulação se aprofunda quando Carvalho opera a ressignificação do “13 de maio” como uma experiência estritamente pessoal e corpórea: “para mim é 13 de maio, libertação dos escravos” (Carvalho, 2018, p. 91). Ao transferir a data histórica para o ato de libertar os próprios fios, a poeta tensiona a narrativa oficial da abolição, evidenciando que a liberdade jurídica não se traduziu em emancipação plena.

Nesse sentido, o ato de assumir o cabelo natural torna-se um gesto de libertação contínua. Esse posicionamento alinha-se perfeitamente ao fazer poético de Sobral, que recusa as “mentiras brancas” do espelho normativo para defender que a verdadeira emancipação e resistência da mulher negra se constroem na costura diária do cotidiano. O poema de Carvalho também joga luz sobre a violência simbólica imposta a essa corporeidade, expressa nos versos em que menciona “o último cravo / socado na cabeça dos negros” (Carvalho, 2018, p. 91).

Essa imagem de martírio, que remete ao peso do racismo estrutural teorizado por Sueli Carneiro e denunciado por Sobral ao expor a dor de “camuflar a raiz” , é imediatamente ressignificada na sequência do texto, convertendo dor em potência política: “E quando um preto poder cruza com outro pela rua, o riso cúmplice. (Carvalho, 2018, p. 91). O contraste entre o “cravo socado” e a manifestação do “preto poder” ilustra com exatidão a passagem da opressão à autonomia. A cabeça, antes alvo da intervenção violenta e colonizadora, passa a abrigar a consciência

política e o orgulho estético. Assim, o "riso cúmplice" partilhado no cotidiano celebra a vitória do corpo que se libertou das amarras normativas.

Essa cumplicidade coletiva concretiza o que Sobral define como a transição do trauma para a cura, fazendo do cabelo natural o fio condutor de uma soberania coletiva e reconquistada. Ao articular as escrevivências complementares de Sobral e Carvalho aos arcabouços teóricos de Carneiro (2005), Gomes (2003) e Kilomba (2019), torna-se possível compreender o cabelo crespo como um dispositivo central na construção da identidade negra contemporânea. Ele deixa de ser um mero atributo biológico para operar, simultaneamente, como denúncia da opressão histórica e como anúncio visual de resistência, traduzindo a densidade, a soberania e a complexidade das vivências negras.

No campo educacional, essa discussão adquire relevância ainda maior. A valorização da estética negra e a incorporação de referências como Sobral (2014) e Carvalho (2018) contribuem para a consolidação de práticas pedagógicas antirracistas, em estrita consonância com as diretrizes da Lei nº 10.639/2003. Tal dispositivo legal, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, determinando que: “O conteúdo programático [...] incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.” (Brasil, 2003, art. 26-A, § 1º).

Nesse sentido, a análise da poética de Sobral ultrapassa o mero exercício literário, configurando-se como uma estratégia de cumprimento da legislação vigente ao promover o reconhecimento da produção intelectual negra e a desconstrução de estereótipos no ambiente escolar. Como destaca Gomes (2003), o reconhecimento da identidade negra no espaço educativo constitui o alicerce para o fortalecimento da autoestima e para o enfrentamento das desigualdades raciais, uma vez que a escola atua como um dos principais lócus de produção e reprodução de representações sociais. Ao inserir a obra de Sobral no currículo, efetiva-se uma pedagogia que não apenas educa para a diversidade, mas que emancipa o sujeito negro por intermédio do espelhamento e da valorização de sua própria ancestralidade.

Dessa forma, o corpo negro, historicamente marcado pela opressão, é ressignificado como um território de soberania, no qual se inscrevem memórias, afetos e novas possibilidades de existência. O cabelo crespo, nesse cenário, assume centralidade como símbolo de identidade, liberdade e conexão ancestral, transmutando o trauma da invisibilidade em afirmação, pertencimento e potência.

Portanto, especialmente para a mulher negra, trata-se de um processo contínuo de resistência e reinvenção, no qual a estética abre mão de sua função como instrumento de dominação para converter-se em linguagem política e prática de emancipação. Ao retomar o controle sobre o próprio corpo e sua imagem, ela não apenas fortalece sua existência, mas reescreve sua história, projetando horizontes nos quais sua presença não seja a exceção, mas a plenitude do ser.

Essa autoria sobre a própria narrativa se estende para além do plano individual, gerando um impacto coletivo que rompe as estruturas de silenciamento que moldaram a sociedade. Trata-se de uma didática da imagem que educa o olhar do outro e fortalece os laços de sororidade e reconhecimento mútuo entre gerações. Assim, a busca pela representatividade deixa de ser uma reivindicação por inclusão em espaços preexistentes e passa a ser a fundação de novos mundos possíveis, onde a dignidade e a subjetividade negra caminham livres de amarras institucionais.

4 O ESPELHO RECONFIGURADO: A POÉTICA DO FIO E A RESIGNIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO NA OBRA DE CRISTIANE SOBRAL

Para compreendermos a densidade da obra de Cristiane Sobral, partimos da premissa do espelho reconfigurado como fio condutor dessa análise. Essa metáfora simboliza o esforço de retomada da imagem do sujeito negro, fragmentada por séculos de desumanização e sua posterior restauração por meio da literatura de autoria feminina negra. Sobre a violência simbólica que distorce essa imagem refletida, Gislene Aparecida dos Santos (2002, p. 103):

> O espelho da cultura ocidental, para o negro, tem sido historicamente um lugar de ausência ou de deformação. Quando o sujeito negro se olha e não se reconhece, ou quando o que vê é a imagem do estigma, ocorre uma fratura na identidade que apenas o exercício da própria voz pode suturar.

Nesse sentido, a poética de Sobral atua como esse exercício de reparação histórica. Ao “deixar o cabelo em paz”, eu-lírico propõe uma mudança estética, convoca o sujeito negro a quebrar o espelho colonial e a construir uma narrativa própria para sua subjetividade. A literatura, portanto, deixa de ser um reflexo passivo para tornar-se o instrumento de reconstrução de uma imagem que o racismo buscou pulverizar, mas que a escrevivência insiste em restituir em sua plenitude.

A poética de Sobral insere-se, portanto, em um movimento mais amplo de reconfiguração simbólica do corpo negro, no qual o cabelo crespo ocupa posição central como signo político, estético e identitário. O “fio”, longe de ser mero elemento descritivo, torna-se eixo estruturante de sua escrita, operando como metáfora da memória, da ancestralidade e da resistência.

O eu-lírico, marcado por um tom simultaneamente íntimo e insurgente, revela uma tensão constante entre memória e reinvenção, dor e potência, silenciamento e fala. Suas imagens poéticas realizam deslocamentos semânticos que transformam elementos historicamente associados à inferiorização em signos de força e beleza. Nesse contexto, o cabelo crespo deixa de ser percebido como estigma de subalternidade para figurar como símbolo de luminosidade, identidade e continuidade ancestral.

Além disso, a centralidade do corpo na obra de Cristiane Sobral exige uma abordagem que considere suas dimensões políticas e simbólicas. O corpo negro, historicamente submetido a processos de objetificação e controle, é ressignificado como espaço de expressão, memória e resistência. O cabelo, enquanto extensão desse corpo, assume papel fundamental nesse processo, funcionando como o elo entre a identidade individual e o pertencimento coletivo.

A obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) transcende, portanto, o campo da mera representação: configura-se como uma prática de resistência, na qual o corpo negro emancipa-se da condição de alvo de opressão para consolidar-se como espaço de empoderamento, autonomia e afirmação plena de sua própria história e subjetividade.

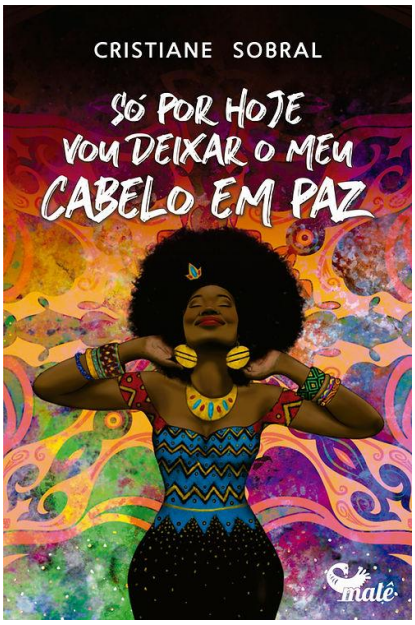
4.1 A escrevivência visual na obra de Cristiane Sobral

Se a construção do poema é um quebra-cabeça que exige revirar emoções e olhar para fora, é na materialidade do corpo que esse processo de estruturação

identitária atinge sua expressão mais radical. A escrita de Cristiane Sobral não se encerra no papel, pois transborda para a estética do eu, conectando subjetividade, corporeidade e memória ancestral. Sob essa perspectiva, a compreensão dessa montagem exige uma análise das linguagens sígnicas que compõem a imagem e o texto.

O poema que dá título à obra de 2014 representa um marco de ruptura dessa subjetividade: em *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, Sobral estabelece o que denominamos como "poética do fio", conceito que articula resistência, identidade e afirmação estética. A compreensão dessa poética não se esgota na leitura dos versos, mas se inicia na própria dimensão física do livro enquanto objeto de arte e resistência.

Antes mesmo do primeiro contato com a palavra escrita, o leitor é convocado por um enunciado visual que sintetiza as tensões identitárias discutidas pela autora. A capa do livro funciona, portanto, como uma porta de entrada semiótica para a escrevivência, espaço onde o corpo negro deixa de ser o "outro" silenciado pela história para assumir a centralidade da cena. Essa força expressiva se materializa na imagem reproduzida logo abaixo, cuja composição gráfica exige uma leitura atenta de seus elementos simbólicos. Ao observar as escolhas estéticas dessa capa, torna-se evidente como os traços e as cores antecipam o tom político da obra uma primeira camada narrativa que merece ser detalhada.



Fonte: https://www.editoramale.com.br/product-page/s%C3%B3-por-hoje-vou-deixar-o-meu-cabelo-em-paz

A análise da imagem e das memórias de Gomes (2017) permite desvelar como as cores, a postura e a textura do cabelo afro operam um “escurecimento necessário” no imaginário estético contemporâneo, ao mesmo tempo em que subvertem padrões de beleza eurocêntricos. Observa-se a representação de uma mulher negra com cabelo crespo volumoso, em posição central e de destaque.

A figura é estilizada, mas mantém traços nítidos que remetem à corporeidade negra. Sua postura, com a cabeça levemente inclinada para trás, olhos fechados e mãos próximas ao pescoço, sugere um gesto de libertação, prazer e auto reconhecimento. O sorriso e a expressão serena reforçam a ideia de bem-estar e aceitação de si. O cabelo, em sua forma expansiva, ocupa lugar de protagonismo na imagem, rompendo com representações historicamente estigmatizadas e afirmando-se como signo de beleza e identidade. Os elementos visuais apontam para referências culturais e históricas específicas: os acessórios evocam matrizes afro-diaspóricas, funcionando como índices de ancestralidade, enquanto as cores vibrantes e o fundo caleidoscópico sugerem movimento e vitalidade. Além disso, o gesto de tocar o próprio corpo indica um processo de reconexão consigo mesma, apontando para práticas de autocuidado e resistência.

No nível simbólico, a imagem se articula de maneira ainda mais complexa. O cabelo crespo transcende sua materialidade e torna-se símbolo de resistência e afirmação identitária. O título da obra, disposto na parte superior, reforça essa dimensão ao sugerir que o ato de “deixar em paz” o cabelo implica interromper práticas de controle e negação da estética negra. A expressão “só por hoje” pode ser interpretada como ironia ou denúncia, indicando que esse gesto de aceitação ainda é uma conquista cotidiana. No poema, Sobral declara: “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz, / não vou domá-lo, não vou transformá-lo, / ele será meu território livre” (Sobral, 2014. p. 13). O ato de deixar o cabelo natural vai além de uma escolha estética, é gesto político e ritual de autoafirmação. Cada fio se converte em memória e cada gesto de cuidado transforma-se em declaração de soberania. Essa perspectiva dialoga com o argumento de Gomes (2017) de que o cabelo crespo é um “arquivo de memórias” e, na poética de Sobral, funciona como um “radar”.

A relação entre texto e imagem intensifica essa leitura simbólica. A estética manuscrita do título aproxima-se de uma estética de espontaneidade, reforçando a ideia de uma voz que se anuncia fora dos padrões normativos. Nesse sentido, a

reflexão de Octavio Paz (1984) contribui para aprofundar a compreensão da imagem como forma autônoma de significação: “O sentido da imagem, pelo contrário, é a própria imagem: não se pode dizer com outras palavras. A imagem explica-se a si mesma. Nada, exceto ela, pode dizer o que quer dizer. Sentido e imagem são a mesma coisa” (Paz, 1984, p. 133). À luz dessa perspectiva, compreende-se que a força da capa não reside apenas em sua capacidade de ilustrar um conteúdo literário, mas em sua autonomia significativa, enunciando um discurso de liberdade e reconfiguração identitária.

Ao abandonar as “sedutoras lentes” europeias citadas no poema, a autora propõe um desmonte da “história única” sobre a beleza: “Só por hoje / Vou deixar o meu cabelo em paz / Durante 24 horas serei capaz / De tirar / Os óculos escuros modelo europeu que eu uso / Enfrentar a claridade / Só por hoje” (Sobral, 2014, p. 15). Ao propor o ato de “enfrentar a claridade” sem os óculos escuros, Sobral opera uma inversão semântica profunda: a claridade não representa a iluminação da razão universal colonial, mas a exposição crua da própria identidade brasileira. Pode-se também propor a interpretação na qual “enfrentar a claridade” signifique desafiar a branquitude e todos os seus privilégios e substituir o “modelo europeu” até então dominante.

É por meio desse olhar que reconhece profundidade e ancestralidade que o eu-lírico desafia a subalternização. Assim, a poética do fio articula múltiplas camadas de significado: a individual, ligada à afirmação do eu, a coletiva, que conecta gerações de mulheres negras e a política, que desafia hierarquias raciais. A capa do livro, portanto, ilustra o conteúdo, mas atua como extensão de sua proposta: um gesto de retomada simbólica que reafirma a identidade negra como lugar de potência, beleza e resistência. Se, para Octavio Paz (1984), o poema alimenta a comunidade, em Sobral, o “deixar o cabelo em paz” é o alimento político que fortalece essa coletividade negra, transformando o cotidiano em um campo de experimentação da liberdade. Já para as mulheres negras intelectuais e artistas, a literatura e a poesia imprimem belezas novas e questionam a estética dominante na arte da palavra e no reconhecimento corporal.

Esse movimento de libertação atinge seu ápice lírico no poema que dá título à obra, no qual o ato de “deixar em paz” deixa de ser uma mera concessão passiva para tornar-se um exercício ativo de descolonização da visão e do corpo:

Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz

Só por hoje
Vou deixar o meu cabelo em paz
Durante 24 horas serei capaz
De tirar
Os óculos escuros modelo europeu que eu uso
Enfrentar a claridade
Só por hoje

Só por hoje
Durante 24 horas
Serei capaz
De contemplar o que sou

Só por hoje
Encarar a claridade
Sem as estruturas lentes
Que nos ensinam
A desejar ser quem não somos

Só por hoje
Desafiar a claridade
Com os obscurecimentos necessários
De um olhar 3 D

Só por hoje
Só por hoje
Vou deixar o meu cabelo em paz.

(Sobral, 2014, p. 13)

O poema “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”, de Cristiane Sobral (2014), revela uma obra marcada pelo denso engajamento político e pela desconstrução dos padrões estéticos eurocêntricos, articulando de forma contundente as noções de corpo, raça, visão e emancipação. A estruturação do poema apoia-se na repetição anafórica da expressão “Só por hoje”, recurso que apropria e ressignifica o célebre mantra empregado em processos de recuperação contra dependências. Essa escolha estética desvela a profundidade do trauma colonial e do racismo estrutural: libertar-se da imposição da branquitude e acolher o próprio corpo em sua forma natural não constitui um ato simples ou automático, mas exige um exercício diário e disciplinado de autocompaixão e resistência, vivenciado um dia de cada vez. A delimitação temporal precisa “Durante 24 horas serei capaz” expõe o peso da violência estética acumulada, sugerindo que o gesto de abster-se de alisar, intervir ou disciplinar o cabelo crespo representa um desafio constante de enfrentamento às pressões sociais.

O núcleo metafórico da composição desloca o eixo analítico da cabeça para a visão ao problematizar a imagem dos “óculos escuros modelo europeu”. O acessório funciona como símbolo das lentes ideológicas eurocêntricas historicamente impostas à população negra, as quais operam uma dupla violência: impedem a autoimagem serena ao ensinar o sujeito a avaliar-se sob a régua da branquitude “Que nos ensinam / A desejar ser quem não somos” e distorcem a percepção da própria identidade. Nesse sentido, retirar esses óculos equivale a um gesto radical de descolonização do olhar. Longe de romantizar a experiência, a poetisa evidencia a dor do despertar, a verdade revelada ofusca, demandando coragem para consecutivamente “enfrentar”, “encarar” e “desafiar a claridade”.

O texto constrói, ainda, um sutil jogo semântico calcado na oposição entre luz e sombra. A “claridade” encarna a branquitude hegemônica, cuja luminosidade excessiva cega o sujeito e impõe seus parâmetros normativos. Em contraposição a essa iluminação assimiladora, o eu-lírico reivindica os “obscurecimentos necessários”, compreendidos como a recuperação da negritude e o enegrecimento da perspectiva. Ao armar-se com um “olhar 3D”, o sujeito poético conquista uma visão tridimensional, profunda e emancipada, capaz de ultrapassar a superfície plana dos estereótipos racistas.

Por fim, o poema estabelece que pacificar a relação com o cabelo significa, em última análise, pacificar a própria subjetividade negra. Deixar o cabelo em paz implica interromper a guerra estética travada contra o próprio corpo, cessando a submissão às químicas e às intervenções compulsórias. Ao encerrar a estrutura poética com a reiteração insistente dos versos iniciais “Só por hoje / Só por hoje / Vou deixar o meu cabelo em paz”, Sobral eleva a trégua com o espelho ao estatuto de ato político revolucionário, no qual a suspensão da violência estética se consolida como a vitória da autoafirmação e da soberania do corpo negro.

A análise estética do poema revela que a forma e o ritmo funcionam como um espelho do próprio processo de libertação do sujeito lírico. Isso se evidencia, inicialmente, na estrutura de refrão interior construída pela repetição da expressão “só por hoje”. Essa repetição cadenciada, que rege o compasso do texto, resgata diretamente a linguagem dos processos de recuperação, sugerindo que o racismo e a pressão estética operam como um vício social ou uma dependência da cual o sujeito precisa se emancipar, um dia de cada vez.

Articulando uma cadência ritualística que rege o compasso da sobrevivência psíquica e política do sujeito dialógico, a reiteração de “só por hoje” ao longo da composição cria um movimento circular que anula o passado violento e o futuro incerto. O que se tem é o tempo presente, o “agora” como única instância passível de controle e emancipação. Essa temporalidade fragmentada em ciclos diários sinaliza uma sabedoria ancestral que reconhece a necessidade de uma percepção atenta, uma força renovada a cada amanhecer para enfrentar os mecanismos do racismo estrutural. Na contemporaneidade, em que o corpo e o cabelo de mulheres e meninas negras continuam sendo alvos preferenciais de políticas de controle estético e exclusão social, esse lema ganha contornos de urgência existencial.

Essa busca por emancipação ganha contornos formais também no uso de versos livres e no espaçamento, recursos que rompem com métricas rígidas ou rimas coloniais, fazendo com que a liberdade da forma reflita a liberdade almejada para o próprio corpo. Observa-se um crescendo estético na progressão dos verbos de ação do eu-lírico, que caminha da passividade para o confronto ativo ao transitar pelo ato de tirar os óculos, enfrentar, contemplar, encarar e, finalmente, desafiar a claridade. Esse embate se constrói por meio de um jogo de contrastes que inverte a tradição ocidental: enquanto esta última historicamente associa a claridade ao saber e ao bem, no poema a claridade passa a representar o padrão eurocêntrico que cega e machuca os olhos, ao passo que os obscurecimentos necessários e o olhar negro constituem o verdadeiro refúgio da lucidez.

É justamente a partir desse olhar altivo e lúcido que a articulação entre a visualidade da capa e a tessitura do poema homônimo consagra o compromisso de Cristiane Sobral com uma estética da libertação. Nesse sentido, enquanto a capa materializa o confronto indicial do corpo negro que ocupa o espaço com soberania, os versos de “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz” descrevem o processo interno de desmantelamento das lentes europeias que distorcem a autoimagem. O poema não é apenas um texto, mas um roteiro de descolonização do olhar, no qual o ato de despir-se dos óculos escuros e encarar a claridade simboliza a coragem de assumir a própria identidade sem as lentes do preconceito.

Dessa forma, obra e imagem entrelaçam-se em um signo de resistência, em que a capa captura o olhar, o poema emancipa a percepção e juntos instituem o cabelo crespo não como um acessório, mas como um manifesto político. Ao encerrar o livro com a reiteração desse “deixar em paz”, Sobral não propõe a passividade, mas a

conquista de uma soberania subjetiva em que o corpo negro, finalmente, encontra em si mesmo o seu próprio centro, sua memória e sua plenitude.

Este exercício poético de autodefinição encontra sustentação teórica precisa nas formulações de Winnie Bueno (2020), ao discutir a autonomia na produção de conhecimento e a atuação política das intelectuais e escritoras racializadas. Segundo a autora:

> “as próprias mulheres negras que irão questionar o sistema e a si mesmas a respeito das imagens de controle, constituindo uma política emancipatória pujante que se centra no enfrentamento dos estereótipos racistas que operam ideologicamente a partir da feminilidade negra” (Bueno, 2020, p. 129).

A reflexão de Bueno (2020) oferece a chave hermenêutica ideal para decodificar a proposta de Sobral, articulando a teoria crítica racial à práxis poética. O trecho citado explicita como a emancipação da mulher negra exige o desmonte das “imagens de controle” representações forjadas pela branquitude para submeter o sujeito racializado a posições subalternizadas e moldar sua feminilidade a partir da rejeição de seus próprios traços.

No poema, essa dinâmica é desconstruída em dois eixos paralelos e complementares expressos na tese de Bueno: por um lado, o questionamento do sistema colonizador, mediante o qual a poetisa recusa abertamente as “estruturas-lentes” eurocêntricas que impõem o alisamento dos fios crespos como pré-requisito de aceitação social; por outro lado, o profundo exame de si mesma, em que a tomada de consciência do eu-lírico implica um processo interno de desintoxicação subjetiva. O ato de descartar os “óculos escuros modelo europeu” e recusar “desejar ser quem não somos” exemplifica essa autoavaliação crítica, na qual o sujeito arranca a norma assimilacionista introjetada para resgatar sua essência.

A poética de Sobral converte-se, assim, na perfeita tradução estética dessa política emancipatória, demonstrando que tomar posse do próprio cabelo não é um gesto isolado de vaidade, mas o ponto focal de uma revolução subjetiva articulada por mulheres negras que assumem o protagonismo de sua voz e de seu corpo.

Ademais, a insistência no autocuidado e na emancipação do corpo dialoga intimamente com as reflexões de bell hooks (2018) acerca da estética como categoria política. Para hooks (2018), a recuperação do olhar e a valorização da beleza negra não são futilidades, mas ferramentas cruciais de cura para mentes e

corpos colonizados. Sobral (2014) operacionaliza essa cura através da palavra. Ao inscrever a textura do cabelo e a vivência íntima desse confronto estético na estrutura do poema, a autora consolida o que Conceição Evaristo define como escrevivência. Não se trata de uma ficção abstrata ou de um lirismo descompromissado, mas da própria vida sangrada e celebrada em formato de verso, uma escrita que nasce da experiência corporal da mulher negra para rasurar a historiografia literária tradicional.

Em suma, a “poética do fio” em Cristiane Sobral demonstra que a descolonização do sujeito passa, invariavelmente, pela descolonização da matéria. O cabelo crespo, ao ser deixado “em paz”, torna-se o ponto de partida para a reconstrução de um território de dignidade, provando que a literatura negra feminina contemporânea não apenas representa a realidade, mas tem a força política de refundá-la.

4.2 A cor em movimento: análise do poema “Black no preto”

A ideia de uma cor em movimento sintetiza a proposta estética de Cristiane Sobral no poema “Black no preto”, integrante da obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014, p. 28-29). Na composição, a identidade negra é apresentada não como um estado estático de ser, mas como uma dinâmica de existir. A “cor” mencionada ultrapassa o limite da pele para tornar-se uma força motriz, constituindo o preto que se reconhece no “black”, operando uma disputa de sentidos que conecta a experiência da diáspora africana à realidade brasileira e desafia a neutralidade eurocêntrica.

Sobral inaugura, nesta produção, uma reflexão profunda sobre o cabelo afro como marcador político e identitário, construindo uma lírica onde o corpo negro ocupa o espaço, o tensiona e o ressignifica. Longe de ser um mero elemento estético, a corporeidade negra é aqui erguida como território de disputa e de enunciação. Assim, a pigmentação e a textura capilar convertem-se em condutos de uma resistência permanente, operando uma verdadeira descolonização do olhar. Sobral desloca o cabelo crespo do lugar histórico do estigma e da domesticação forçada para inseri-lo na centralidade da cena literária como um arquivo vivo de memórias.

Black No Preto

Um preto de Black power é suspeito
Não foi alisado?
Não foi iludido?
Não foi cooptado
Pelo sistema?

Um preto de black power
Deve ser perigoso
Vagabundo, meliante
Qualquer coisa que não preste
Preto é sempre
E não nega a raça

Um preto Black Power
É melhor prestar atenção
Elemento cor padrão?
Deve ser investigado...

Um preto de cabelo em pé
Ora que ousadia
Raspem a cabeça
Antes que ele esqueça
Que não deve ter opinião
Que não pode ser livre
Não pode não

Esse preto é pura ameaça
Daqui não passa...
Levem, raspem e joguem na prisão!
O sistema carcerário é a solução
Transforma bandido em cidadão

Viram?
Tirando Black Power
Surge o homem de bem
Aparência nota cem
Um preto de alma branca
Nunca sofreu racismo
É fruto do capitalismo
Está tudo bem.

(Sobral, 2014, p. 28-29)

É na própria estrutura da matéria textual que se encontra o primeiro passo para compreender como “Black no preto” opera, uma vez que sua configuração formal não se reduz a um mero ornamento, agindo, na verdade, como o próprio dispositivo que viabiliza a denúncia política. Inicialmente, o que se destaca na tessitura do poema é a estrutura de repetição e variação que inaugura as três primeiras estrofes por meio da iteração de abertura: “Um preto de Black power...”, “Um preto de black

power", "Um preto Black Power". Esse recurso estilístico simula a obsessividade da vigilância racista, cujo olhar estereotipante foca, reenquadra e persegue o corpo racializado continuamente.

O ritmo que rege a composição é ditado por versos curtos e cortantes, mimetizando a velocidade de uma abordagem policial ou de um julgamento sumário. Logo na abertura, o poema inicia com a declaração: "Um preto de Black Power é suspeito / Não foi alisado? / Não foi iludido? / Não foi cooptado / Pelo sistema?" (Sobral, 2014, p. 28). A escolha dos verbos no particípio, "alisado", "iludido", "cooptado", produz uma cadência de passividade e domesticação que o sistema colonial tenta impor ao sujeito.

Ao dramatizar poeticamente essa constante estigmatização, o texto desvela a vigilância social que violenta o corpo negro. Fica evidente como o cabelo afro deixa de ser um mero detalhe estético para ser lido pelo sistema como um índice de ameaça aos padrões hegemônicos. Sobre essa engrenagem, Gomes (2003) observa que "o cabelo crespo é historicamente desqualificado, associado à marginalidade e à inadequação social, sendo frequentemente utilizado como instrumento de controle e exclusão" (Gomes, 2003, p. 56). O fio natural, portanto, revela-se como um marcador de autonomia e subversão.

Essa criminalização do corpo negro é reiterada de forma incisiva nos versos seguintes: "Um preto de black power / Deve ser perigoso / Vagabundo, meliante / Qualquer coisa que não preste / Preto é sempre" (Sobral, 2014, p. 28). Ao incorporar diretamente o discurso policial-carcerário por meio de expressões como "suspeito", "meliante", "elemento cor padrão" e "deve ser investigado", a autora traz para o espaço lírico a a terminologia dos órgãos de controle punitivo, demonstrando como a linguagem jurídica e de segurança pública é intrinsecamente racializada no país.

Sueli Carneiro (2003) reforça essa perspectiva ao apontar que a construção social do corpo negro como suspeito é um mecanismo central do racismo estrutural, incumbido de manter a população negra sob constante controle e vulnerabilidade.

Diante disso, o eixo central do poema desvela-se na violência do cerceamento e da imposição dos padrões eurocêntricos: "Um preto de cabelo em pé / Ora que ousadia / Raspem a cabeça / Antes que ele esqueça / Que não deve ter opinião / Que não pode ser livre" (Sobral, 2014, p. 28). Arrancar o símbolo estético do sujeito negro equivale a uma tentativa de destituí-lo de sua cognição, de sua memória e de sua soberania, em um processo de castração política que visa impor a submissão

corporal. Como bem sintetiza Grada Kilomba (2019, p. 61), “a assimilação estética funciona como forma de domesticação racial, apagando corpos insurgentes e tornando-os administráveis dentro da lógica do poder”.

A grande virada do poema acontece nas estrofes finais, onde Cristiane Sobral usa a ironia e o sarcasmo de forma muito precisa e contundente: “Tirando Black Power / Surge o homem de bem / Aparência nota cem / Um preto de alma branca / Nunca sofreu racismo / É fruto do capitalismo / Está tudo bem” (Sobral, 2014, p. 29). Ao utilizar rimas deliberadamente fáceis e melodiosas, como “solução” e “cidadão”, ou “bem” e “cem”, Cristiane Sobral parodia a retórica oficial que tenta vender uma falsa ideia de ordem e civilidade. Essa mudança no tom do poema transforma o vocabulário duro da violência urbana em uma conversa fria, típica dos discursos oficiais. Com isso, a autora balança as estruturas do mito da democracia racial ao trazer de volta aquela frase tão violenta: “um preto de alma branca”. Com isso, a poeta desconstrói a ideia de que o negro precisa se moldar para ser aceito, escancarando o absurdo de um sistema que só acolhe quem apaga a própria identidade. Esse desfecho conversa diretamente com o pensamento de Winnie Bueno (2020) sobre como o racismo cria estereótipos para controlar os corpos. Sobral mostra o laço estreito entre o capitalismo e o racismo, para o mercado o “preto aceitável” é aquele que foi esvaziado de sua força política e estética.

Como lembra Nilma Lino Gomes (2019), essa pressão para se adequar a um padrão é o que mantém as desigualdades de pé, e é justamente aí que a literatura negra entra como uma ferramenta poderosa para sabotar essa regra. Ao mesmo tempo em que denuncia essa violência, o eu-lírico conecta a estética negra à ancestralidade e à memória coletiva, transformando o fio crespo em um “pavio / aceso na memória” (Sobral, 2014, p. 29). O cabelo, portanto, torna-se veículo de resistência histórica, ponte entre o passado e o presente. Sueli Carneiro assevera que “a valorização do cabelo natural não é apenas questão estética, mas afirmação de pertencimento e conexão com a ancestralidade, resgatando a dignidade coletiva dos sujeitos negros” (Carneiro, 2003, p. 89).

Essa postura do poema conversa diretamente com a escrita de Luciene Carvalho, especialmente em “Fios Soltos”. Carvalho (2008, p. 91) escreve: “O black power voltou / Soltou cachos e grenhos / Para mim é 13 de maio, libertação dos escravos”, associando a aceitação do fio natural a um gesto de emancipação histórica. Enquanto as palavras de Sobral doem ao usar o cabelo para escancarar a

perseguição policial e o racismo, os versos de Carvalho trazem um respiro, mostrando o cabelo como um estandarte de liberdade para caminhar pelas ruas e celebrar quem se é junto com os seus: “Quando um preto poder / Cruza com outro pela rua / O riso cúmplice é inevitável / É parentesco sem palavra” (Carvalho, 2008, p. 91). Essa percepção de comunhão dialoga estreitamente com a proposta de Sobral, sugerindo que a resistência se inscreve em práticas cotidianas de sociabilidade, reconhecimento mútuo e ancestralidade viva. A partir desse cenário, Grada Kilomba (2019, p. 74) corrobora ao afirmar que “o corpo negro é palco de memórias e tensões históricas, e a estética insurgente possibilita que essas memórias se tornem visíveis e reivindiquem espaço na sociedade contemporânea”.

No âmbito pedagógico, a convergência dessas poéticas oferece uma potente ferramenta de reflexão crítica sobre o racismo estrutural, o preconceito estético e as políticas de afirmação. O fio afro, ao se tornar visível e celebrado na literatura, promove um letramento racial crítico que permite aos sujeitos compreenderem e desconstruírem os mecanismos históricos de estigmatização. Em consonância com as diretrizes da Lei nº 10.639/2003, essa produção literária transforma o espaço escolar em um território de reconhecimento e empoderamento, tornando a experiência estética uma extensão legítima da práxis política.

Para finalizar, Black no preto nos mostra que o cabelo crespo é, ao mesmo tempo, beleza, política e memória, funcionando como um escudo de proteção e orgulho para o corpo e para a cultura negra. A escrita de Cristiane Sobral promove uma verdadeira virada, em que o eu-lírico toma para si o preconceito e o transforma em força, autonomia e orgulho de ser visto. O cabelo vira uma forma de falar sem usar palavras, conectando a história de cada um com a força de toda a comunidade e transformando o corpo negro em um lugar de liberdade.

Como sintetiza Sobral: “Deixar em paz meu cabelo é deixar em paz minha história, meu corpo e minha liberdade” (Sobral, 2014, p. 28). Ao amarrar a matéria capilar à própria integridade existencial, a autora demonstra que a emancipação estética é indissociável da libertação política e histórica. Assim, o fio crespo ostentado com orgulho deixa de ser apenas um detalhe no espelho e se consolida como um verdadeiro ato de coragem e resistência na vida de cada mulher negra.

4.3 A Joia da Ancestralidade: O Cabelo Crespo em “Pérola Negra”

O poema “Pérola Negra”, presente na obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (Sobral, 2014, p. 34-36), sintetiza o movimento de transmutação simbólica operado por Cristiane Sobral. Nele, o eu-lírico utiliza a gênese da pérola, fruto de uma reação resiliente a uma intrusão agressiva, como metáfora central para a constituição da identidade negra frente ao racismo estrutural. Assim como a gema se forma no interior da ostra a partir da reação a um corpo estranho, o sujeito negro constrói valor e beleza a partir das feridas históricas, transformando a dor em potência estética e política.

Ao elevar o corpo e o cabelo crespo à categoria de joia, o eu-lírico opera uma sofisticada inversão semântica, o que era lido como estigma sob o olhar colonial é reconfigurado como patrimônio de altíssimo valor histórico e ancestral. Nesse processo, a “Pérola Negra” deixa de ser apenas uma metáfora de beleza para tornar-se um enunciado de soberania, no qual a ancestralidade funciona como o nácar que reveste o corpo, transmutando a ferida colonial em uma gema de resistência e autodefinição.

Dessa forma, o poema constitui um exemplo emblemático da reconfiguração do corpo feminino negro como território de potência e memória. O eu poético desloca a experiência negra do campo da carência para o domínio da preciosidade, consolidando a escrita como um espaço de cura e de afirmação plena da subjetividade.

Pérola Negra

Cresci como planta assustada
Arrancada precocemente da raiz
Nunca fui tratada com respeito
Nem sei como vinguei
Com todo mundo querendo pegar
Apertar meu peito
Bater na minha bunda

Nunca fui tratada com respeito
Gritavam comigo a todo instante
Não respondiam aos meus porquês
Sentia frio, fome e solidão
Nunca fui tratada com respeito
Nunca fui amada

Beijar que nada
Eu não era digna

Zombavam da minha pele preta
Debochavam das minhas coxas grossas
Puxavam o meu cabelo denominado “ruim”
Batiam na minha cara por qualquer motivo
Eu me alimentei das minhas ausências
Nem sei como venci todas as minhas urgências
Consegui fazer brotar os meus frutos

Renasci
Triturei minha dor
Comi minhas próprias cinzas
Mas deixei um pouco para forjar uma nova pele

Eu me vinguei sendo muito mais negra
Eu me vinguei sendo mais sábia
Eu me vinguei sendo muito mais feliz

Hoje sou dona dos meus caminhos
Tatuei as minhas cicatrizes como quem borda ninhos
Tenho as chaves do meu prazer
Sou pérola negra
Aprendi a receita do bem viver.

(Sobral, 2014, p. 34-36)

A primeira estrofe do poema, composta pelos versos “Cresci como planta assustada / Arrancada precocemente da raiz / Nunca fui tratada com respeito / Nem sei como vinguei / Com todo mundo querendo pegar / Apertar meu peito / Bater na minha bunda” (Sobral, 2014, p. 34), apresenta o eu-lírico em um estado de vulnerabilidade extrema. A metáfora da planta arranca precocemente da raiz evoca a desconexão ancestral e a interrupção do desenvolvimento seguro da criança negra, fenômeno que Carneiro (2003) associa à experiência de exclusão sistemática das crianças negras nos ambientes familiares e escolares. A violência física e simbólica descrita nessa estrofe aponta para a hipersexualização e objetificação do corpo negro desde a infância, evidenciando a imposição de um olhar normativo eurocêntrico sobre a estética negra, conforme analisado por Gomes (2003).

A repetição do verso “Nunca fui tratada com respeito” nas estrofes seguintes intensifica a denúncia de múltiplas dimensões da violência racial, articulando silenciamento, negação de afeto e invasão corporal. O eu-lírico descreve situações de desumanização direta: “Zombavam da minha pele preta / Debochavam das minhas coxas grossas / Puxavam o meu cabelo denominado ‘ruim’ / Batiam na minha cara por qualquer motivo” (Sobral, 2014, p. 35). Esta descrição reflete a lógica

da colonialidade do poder, na qual o corpo negro é constantemente regulado e punido por sua diferença estética. Kilomba (2019) ressalta que a violência simbólica e física sobre corpos negros é uma estratégia histórica de manutenção da supremacia branca, criando sujeitos internalizados em inferioridade, o que reforça a relevância pedagógica do poema para o ensino crítico da literatura.

Na estrofe que inicia com “Eu me alimentei das minhas ausências / Nem sei como venci todas as minhas urgências / Consegui fazer brotar os meus frutos” (Sobral, 2014, p. 35), observa-se o ponto de inflexão no discurso do eu-lírico: a dor transforma-se em potência. A metáfora da alimentação pelas próprias ausências e o “forjar uma nova pele” configura um processo ativo de ressignificação da subjetividade. Essa operação poética está em consonância com a análise de Kilomba (2019), segundo a qual a reexistência do sujeito negro passa pelo reconhecimento e reintegração das feridas do passado como base de resistência e autonomia. Ao “triturar a dor” e “comer as próprias cinzas”, a autora transforma sofrimento em alimento simbólico, convertendo trauma em instrumento de fortalecimento e sabedoria.

A categoria de vingança, presente nos versos “Eu me vinguei sendo muito mais negra / Eu me vinguei sendo mais sábia / Eu me vinguei sendo muito mais feliz” (Sobral, 2014, p. 35), redefine a ideia de retaliação: aqui, vingança é afirmação de si mesma. Ser “muito mais negra” representa resistência ao apagamento racial, à tentativa de embranquecimento e à marginalização social. A literatura, nesse sentido, opera como ferramenta de insurgência simbólica, conforme Carneiro (2003), ao transformar a negritude em potência estética, ética e política.

A estrofe final, que conclui o poema com “Tatuei as minhas cicatrizes como quem borda ninhos / Tenho as chaves do meu prazer / Sou pérola negra / Aprendi a receita do bem viver” (Sobral, 2014, p. 36), sintetiza a centralidade da ressignificação do corpo negro e do cabelo crespo como patrimônios de memória, estética e ancestralidade. O verso que compara a cicatriz a bordado de ninhos mostra que a violência do passado não é apagada, mas integrada como um espaço de cuidado, criação e proteção. A autodefinição como “pérola negra” reforça a analogia com a ostra que produz joia a partir de um corpo estranho, consolidando a estética do cabelo crespo como símbolo de resistência e soberania, em diálogo direto com a reflexão de Gomes (2017) sobre a importância da valorização da estética negra na formação de sujeitos críticos e empoderados.

Sobral articula, portanto, memória, corpo e estética em uma prática de reexistência. O cabelo crespo, deslocado do campo do estigma para o da joia, transforma-se em dispositivo pedagógico para o Letramento Racial Crítico e para a implementação da Lei nº 10.639/2003. O poema não apenas revela o histórico de violência e objetificação do corpo negro, mas também propõe um modelo de empoderamento estético, ético e político, onde a autonomia e a subjetividade se afirmam contra o apagamento histórico. Como observa Kilomba (2019), a literatura negra funciona como território de cura, resistência e ressignificação, permitindo que jovens leitores e estudantes recontem suas histórias a partir de perspectivas afirmativas e descolonizadas.

Em suma, “Pérola Negra” exemplifica como Cristiane Sobral transforma o cabelo crespo e o corpo da mulher negra em símbolos de ancestralidade, beleza e potência. O poema atua como um rito de entronização literária, conferindo ao sujeito negro o direito à autonomia estética e à reexistência, ao mesmo tempo que propicia ferramentas de reflexão crítica no contexto escolar, possibilitando a formação de leitores capazes de reconhecer, valorizar e reivindicar a identidade negra como patrimônio histórico, cultural e político.

4.4 Soberania Estética e a Desconstrução da História Única em “Tridente, o Meu Pente” e “Preto no Preto”

Para além de uma resposta às opressões, a poesia de Sobral configura-se como um projeto de soberania subjetiva. Ao operar o que se pode denominar como intervenção semiótica, os poemas “Tridente, o meu pente” e “'Preto no preto” subvertem léxicos coloniais e reabilitam o cotidiano negro como um território de afirmação política e dignidade ontológica. Ao transmutar o “pente garfo” instrumento simbólico de cuidado do cabelo afro, em um “tridente”, Sobral eleva um objeto doméstico ao estatuto de cetro e arma, simbolizando a retomada definitiva do poder sobre a própria imagem e a sacralização da estética negra.

Essa manobra literária desarticula a história única da subalternidade e da carência, substituindo-a por uma narrativa de autonomia plena. Por meio dessa poética da insurgência, a redundância aparente de “Preto no Preto” converte-se na afirmação máxima de um sujeito que se autodefine e governa seu próprio território existencial. Assim, o corpo deixa de ser um campo de batalha contra o olhar alheio

para tornar-se um território de soberania, onde a estética não é um pedido de aceitação, mas um decreto de liberdade que rompe com as métricas coloniais de beleza e existência.

No poema “Tridente, o Meu Pente”, o pente-garfo é elevado à categoria de arma simbólica e ferramenta mística. Ao aproximá-lo da figura do “tridente”, Sobral evoca o poder de divindades e forças ancestrais que “espetam o preconceito” e têm o poder de “transformar a ordem sem fazer desordem”. Esse movimento poético desafia diretamente o conceito de “história única”, formulado por Chimamanda Ngozi Adichie (2009), ao rejeitar classificações binárias e reducionistas como “bom” ou “ruim” e afirmar a complexa dialética da percepção negra.

Conforme postula Adichie: “Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.” (Adichie, 2009, p. 16). Nesse sentido, o pente deixa de ser apenas um utensílio cotidiano para tornar-se o instrumento que organiza a identidade e subverte a narrativa hegemônica. Ao reivindicar múltiplas possibilidades de ser e de existir, o eu-lírico convida o sistema a refazer suas próprias concepções, transformando o ato de pentear-se em um enunciado de soberania e pluralidade histórica.

Já em “Preto no preto”, a autora trabalha a desconstrução da autoimagem mediada pelo olhar do outro. O espelho distorcido da sociedade brasileira, alimentado pelo mito da democracia racial e pelas “escovas treinadas”, é rejeitado em favor de um espelho que é “preto no preto”. A voz lírica não busca mais a “lisura incomoda”, mas assume a cor “tatuada” nos fios como a própria história dos ancestrais que escorre por eles.

A convergência entre os dois textos reside na recusa do apagamento e na valorização dos “escurecimentos necessários”. Em vez da clara ilusão das novelas, a autora prefere o reflexo que brilha no escuro, onde a escuridão não é sinônimo de medo, mas de vitória e memória resgatada. No contexto do letramento literário racial crítico, esses poemas oferecem aos estudantes o instrumental para questionar padrões de beleza impostos e para compreender a estética como um campo de batalha onde se conquista, primeiramente, o direito de olhar para si mesmo sem distorções.

Tridente, o Meu Pente

O meu pente é diferente
Funciona muito bem
Não é um pente ruim!
É próprio para o meu pixaim

Não deboche
Não provoque
Vou deixar você sem jeito
Espetar o seu preconceito

Meu cabelo não é duro
Nem bom, nem ruim, nem melhor
Afirmo a dialética da percepção
A alteridade de ser como sou

Não deboche
Não provoque
Vou deixar você sem jeito
Espetar o seu preconceito

Diferente, o meu pente
Quase um tridente
Transforma a ordem
Sem fazer desordem

Diferente, o meu tridente
Diante do princípio do caos
Convida o sistema a refazer as suas concepções
Para desafiar a história única.

(Sobral, 2014, p. 21)

No poema “Tridente, o meu pente”, Cristiane Sobral (2014) opera uma das deslocações simbólicas mais vigorosas de sua obra ao ressignificar um objeto cotidiano, o pente-garfo, em um instrumento de poder e contestação política. A análise inicia-se pela desconstrução padrão normativo imposto pela branquitude: ao afirmar que seu pente “funciona muito bem” e “não é um pente ruim”, o eu-lírico rebate a patologização do cabelo crespo, frequentemente lido como “difícil” ou “indomável”. A aceitação do termo “pixaim’ não ocorre como autodepreciação, mas como apropriação de uma identidade que não mais se esconde. O pente, portanto, deixa de ser uma ferramenta de higiene para tornar-se uma extensão do corpo que reivindica seu espaço.

A estrofe que se repete como um refrão, “Não deboche / Não provoque / Vou deixar você sem jeito / Espetar o seu preconceito”, confere ao poema um tom de

aviso e enfrentamento. O eu-lírico utiliza a materialidade do objeto, os dentes do pente, para simbolizar o rompimento das estruturas racistas. O “espetar” sugere uma ação direta e incômoda, que retira o interlocutor preconceituoso de sua zona de conforto. Essa postura dialoga com a Pedagogia Engajada de bell hooks (2013), ao propor que o conhecimento e a estética negra não devem apenas coexistir com o sistema, mas tensioná-lo e “deixar sem jeito” as certezas coloniais.

O ponto de inflexão teórica ocorre quando eu-lírico evoca a “dialética da percepção” e a “alteridade de ser como sou”. Ao negar as dicotomias “bom ou ruim”, a poeta posiciona o cabelo negro para além do julgamento moral, situando-o no campo da especificidade existencial. A transformação do pente em “quase um tridente” eleva o objeto ao status de símbolo mitológico e ancestral, remetendo à força de divindades e à autoridade de quem detém o poder sobre a própria imagem. O tridente, nesta perspectiva, é a ferramenta que “transforma a ordem sem fazer desordem”, sugerindo uma reestruturação profunda nas hierarquias estéticas da escola e da sociedade.

Por fim, o poema encerra-se com um convite direto à revisão das bases do conhecimento: “Convida o sistema a refazer as suas concepções / Para desafiar a história única”. A menção explícita à “história única”, conceito amplamente difundido por Adichie (2009), reforça o objetivo do Letramento racial crítico no âmbito educacional. Para o estudante, este poema funciona como um escudo e uma lança, pois oferece os argumentos para a defesa da própria estética e, simultaneamente, desafia o sistema escolar a reconhecer que existem outras formas de beleza e de saber que foram historicamente silenciadas. Em suma, o “pente-tridente” de Sobral é o signo da resistência que desembaraça o preconceito e penteia a liberdade.

A soberania estética e a descolonização da subjetividade negra encontram, no poema “Preto no Preto”, um de seus momentos de maior densidade reflexiva na obra de Cristiane Sobral. O texto articula um projeto de valorização do imaginário negro que opera pela desconstrução de estigmas e ressignificação radical do “preto” e da “escuridão”, signos historicamente associados, na matriz colonial, ao negativo, ao sinistro ou ao atemorizador. Ao subverter essa lógica eurocêntrica, Sobral estabelece pontos de contato diretos com o arcabouço da Negritude, tanto como conceito filosófico quanto como movimento ideológico. Através de formulações como “meu reflexo brilha no escuro”, “escurecimentos necessários” e “na escuridão está a vitória”, o eu-lírico não apenas rejeita o “espelho distorcido” da branquitude, mas

institui a escuridão como o lugar da autodescoberta e do triunfo, transformando o que era estigma em um esplendor próprio e inegociável.

Essa postura de enfrentamento e resgate identitário presente na poética de Sobral dialoga com a definição de Munanga (2019) sobre os movimentos de afirmação racial. Segundo o autor:

> Reagindo, por sua vez, contra os estereótipos e preconceitos inveterados que circulavam a respeito do negro, longe de lamentar-se de sua cor, como acontecia com alguns no passado, o movimento reivindica-a, encontrando nela fonte de glória. Tratava-se de ter a liberdade de se expressar como se é, e sempre se foi; de defender o direito ao emprego, ao amor, à igualdade, ao respeito; de assumir a cultura, o passado de sofrimento, a origem africana. (Munanga, 2019, p. 43).

Essa “fonte de glória” mencionada por Munanga e a reivindicação do direito à expressão autêntica ganham corpo e voz na materialidade poética de Sobral. Em “Preto no preto”, o eu-lírico assume uma postura de insubordinação estética que rompe radicalmente com as tentativas históricas de domesticação corporal e apagamento identitário. Ao fazê-lo, a linguagem poética não apenas denuncia a violência do padrão eurocêntrico, mas atua como um espaço de refundação do ser, transformando o orgulho da herança ancestral em um manifesto de visibilidade, poder e resistência.

Preto no Preto

Meu cabelo sem vestígios de lisura incomoda
Não alisa nem se conforma
Com os tais padrões não dialogo
Imponho a minha diferença
Minha marca de nascença
Minha identidade

Nasci tatuada com a minha cor
Escorre pelos meus fios
A história dos meus ancestrais

Autenticidade é peça de antiguidade
Ficou fora de moda
Não veste bem
Seria mais conveniente aceitar os progressos
De algumas escovas treinadas para resolver os dilemas
De um país que enxerga a própria imagem
Em um espelho distorcido

Não me iludo com o Brasil das novelas
Sonho com outras telas
Meu espelho é preto no preto
Meu reflexo brilha no escuro
A iluminar caminhos com escurecimentos necessários

Eu não olho para o chão
Nem tenho medo da escuridão
Na escuridão está a vitória
O mito da democracia racial que anestesia a memória
Essa ilusão que segue contaminando a história
Nunca vai me enganar.

(Sobral, 2014, p. 21)

O poema “Preto no Preto”, de Cristiane Sobral (2014, p. 21), revela uma densa camada de significados que convergem para o Letramento Racial Crítico. A obra funciona como um manifesto de desobediência estética e soberania identitária, no qual o corpo e o cabelo não são meros atributos biológicos, mas territórios políticos de resistência. Nos versos iniciais “Meu cabelo sem vestígios de lisura incomoda / Não alisa nem se conforma”, o eu-lírico estabelece a “falta de lisura” como uma metáfora para a recusa radical à submissão ideológica e corporal.

O termo “incomoda” expõe a função política do corpo negro no espaço público, tensionando a norma eurocêntrica e interrompendo o monólogo da branquitude. Ao afirmar que com os padrões “não dialogo”, o eu-lírico rompe com qualquer tentativa de negociação da sua humanidade, apresentando o cabelo como uma “marca de nascença” e uma tatuagem indelével da ancestralidade. Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Nilma Lino Gomes (2017) sobre o corpo negro como uma construção social e política em constante movimento.

Nesse movimento, Sobral denuncia as tecnologias de branqueamento representadas pelas “escovas treinadas” que buscam “resolver os dilemas” de uma nação que recusa a própria face. A metáfora do “espelho distorcido” é central para a compreensão do racismo estrutural, pois representa a imagem fragmentada e alienante que o sistema colonial tenta impor ao sujeito negro. Ao declarar que não se ilude com o “Brasil das novelas”, a poeta exercita uma crítica aguçada à subalternização midiática e ao mito da democracia racial, definido por ela como um anestésico que contamina a memória e a história.

O ponto culminante do poema reside na subversão semântica da escuridão: tradicionalmente associada ao caráter negativo no pensamento ocidental, a escuridão em Sobral é ressignificada como o lugar da potência, da ancestralidade e da luz própria “Meu espelho é preto no preto / Meu reflexo brilha no escuro” (Sobral, 2014, p. 21). A expressão “escurecimentos necessários” surge como um dispositivo pedagógico, filosófico e analítico fundamental. Não se trata de buscar a “clareza” ou o “esclarecimento” nos moldes iluministas europeus, mas de aprofundar-se na própria negritude para encontrar a vitória e a verdade ontológica.

Esse movimento de retorno ao “eu” autêntico converge com as formulações de Stuart Hall (2016), ao descrever um sujeito que recusa tentar se traduzir para o outro e passa a enunciar-se a partir de sua própria moldura identitária. Além disso, a produção poética de Sobral encontra eco direto no pensamento de Winnie Bueno (2020) e Patricia Hill Collins (2019), ao promover o desmonte das “imagens de controle” forjadas pelo racismo, permitindo que a mulher negra assuma a autodefinição do seu corpo e de sua estética.

Esta reflexão articula-se organicamente com a análise do poema “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”, em que a autora desloca o eixo analítico da cabeça para a visão ao problematizar a imagem dos “óculos escuros modelo europeu”. Se em “Preto no Preto” o eu-lírico recusa os padrões através da afirmação da textura crespa e do confronto explícito, em “Só por hoje” essa emancipação ganha contornos de ritual diário e recuperação subjetiva. A reiteração da expressão “só por hoje”, apropriada dos processos de reabilitação contra dependências, evidencia a profundidade do trauma colonial e da pressão estética acumulada. Retirar as lentes europeias e aceitar os “obscurecimentos necessários” constituem um gesto duplo de descolonização do olhar e trégua interior, no qual a suspensão da violência estética se consolida como a vitória da autocompaixão e da soberania do corpo negro.

A poética de Cristiane Sobral também operacionaliza a estética como categoria de cura política, conforme teorizado por bell hooks (2018), ao demonstrar que a valorização da beleza negra e a recuperação do olhar são ferramentas cruciais para a descolonização de mentes e corpos. Ao inscrever a vivência íntima desse confronto estético na própria estrutura dos versos, a poetisa consolida o conceito de escrevivência formulado por Conceição Evaristo (2007), no qual a escrita nasce da experiência corporal da mulher negra para rasurar a historiografia literária tradicional.

Para o estudante, o contato com “Preto no Preto” e “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz” oferece uma ferramenta de mediação crítica indispensável. As obras permitem que adolescentes e jovens desloquem seu cabelo e sua cor do lugar do estigma para o lugar do poder. Ao afirmar que “não olha para o chão nem tem medo da escuridão”, o eu-lírico ensina uma postura de altivez que sintetiza o objetivo primordial do Letramento Racial Crítico e da implementação da Lei nº 10.639/03.

No contexto do ensino de literatura, essa narrativa promove um deslocamento subjetivo e político essencial: a transição da textura capilar lida como um problema social para a sua assunção como coroa, patrimônio e manifesto ancestral. Em suma, a “poética do fio” em Cristiane Sobral demonstra que a literatura negra feminina contemporânea não apenas representa a realidade, mas possui a força política de refundá-la, oferecendo um itinerário em que o corpo negro recupera sua memória, sua paz e sua soberania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia que a literatura afro-brasileira contemporânea, representada na obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), de Cristiane Sobral, constitui um caminho de libertação das subjetividades e de afirmação identitária. Ao questionar os padrões de beleza eurocêntricos e transformar o cabelo afro em símbolo de resistência e protagonismo, a escrita de Sobral atua na interseção entre arte, política e educação. O corpo negro, historicamente alvo de preconceitos e de mecanismos de controle, é reconfigurado como espaço de liberdade. Nesses termos, o cabelo crespo consolida-se como um escudo de orgulho cultural e afetivo, demonstrando que a materialidade do corpo é eixo central na construção das identidades negras.

No que tange aos objetivos delimitados na Introdução, a investigação cumpriu com êxito o propósito de descortinar os desafios históricos da literatura feminina afro-brasileira como espaço de re-existência. A discussão confirmou a urgência de enfrentar o racismo estrutural (Almeida, 2019), o qual se manifesta de forma sistemática no ambiente escolar quando o currículo invisibiliza a história e a cultura negra, alimentando a “epidermização da inferioridade” (Fanon, 2008). Frente a esse cenário, a aplicação efetiva da Lei nº 10.639/2003 se consolida como um

compromisso ético e inalienável. Longe de resumir-se ao cumprimento burocrático de uma diretriz, a legislação quando articulada a letramento racial crítico, transforma a poesia em um dispositivo concreto de intervenção pedagógica.

A partir do *corpus* selecionado composto pelos poemas “Black no preto”, “Pérola negra”, “Tridente, o meu pente”, “Preto no preto” e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”, comprovou-se que a estética do cabelo afro funciona como ponto de partida para a recuperação da autoestima, da ancestralidade e do pertencimento. A "poética do fio" na obra de Sobral constitui uma tecnologia de descolonização estética e emancipação subjetiva: o cabelo crespo deixa de ser um marcador estigmatizado de subalternidade para se afirmar como território político de memória, soberania e resistência.

Ao articular os textos analisados à interseccionalidade de raça e gênero (Crenshaw, 1989, 2002; Akotirene, 2019; Collins; Bilge, 2021), o estudo demonstra que a literatura negra feminina contemporânea ultrapassa a representação temática. Ela opera como práxis educativa capaz de rasurar as narrativas hegemônicas e reconfigurar o espelho social para estudantes e mulheres negras. Em consonância com os pressupostos da *escrevivência* (Evaristo, 2005, 2007, 2020) e da afirmação estética como "prática de liberdade" (hooks, 2019), a recusa aos papéis subalternos e às imposições eurocêntricas consolida-se como ato de soberania epistêmica.

Ao tencionar as denúncias de Lélia Gonzalez (1984) sobre a hipersexualização e a servidão sustentadas pelo mito da democracia racial, a lírica de Sobral evidencia que a imposição estética e o alisamento compulsório atuaram como tecnologias coloniais de assujeitamento e tentativa de apagamento ancestral. Nesse cenário, a recuperação da textura crespa transcende a dimensão cosmética, afirmando-se como desobediência política e autodefesa psíquica. A poesia de Sobral devolve à mulher negra a condição de sujeito pleno de sua fala e de sua imagem, transformando o corpo em espaço de cura e reinvenção.

Em diálogo com os resultados que atravessaram a análise do *corpus*, a investigação confirmou que essa poética emerge como um dispositivo de insurgência que rompe com as “imagens de controle” (Collins; Bueno, 2020) e com a pedagogia do trauma presentes na indústria cultural e na literatura infantil tradicional. Ao tensionar representações historicamente reduzidas ao deboche ou à dor, a escrita de Sobral alinha-se às perspectivas de bell hooks (2018), Jarid Arraes (2018)

e Djaimilia Pereira de Almeida (2015), convertendo a decisão de ”deixar o cabelo em paz” em um ato de autocuidado e soberania.

Inspirada na dicção performática herdeira dos *Cadernos Negros*, a autora opera uma ruptura no “horizonte de expectativas” (Jauss, 1994) do leitor, promovendo o distanciamento estético necessário para desestabilizar privilégios branquocêntricos. Como observado na análise do poema “Quebra-Cabeça”, o fazer poético de Sobral recusa o mito da inspiração ingênua para afirmar-se como uma “carpintaria” tátil, artesanal e politicamente situada em consonância com a premissa de Octavio Paz (2012) de que o poema é indissociável da história e da comunidade. Ao ressignificar a palavra como força “diabólica” (Sobral, 2017), isto é, um agente insurgente que implode a falsa harmonia da democracia racial, a poetisa converte o caos da subjetividade ferida em metanoia emancipatória e soberania epistêmica.

Dessa forma, o corpo e o cabelo crespo consagram-se como os espaços definitivos de libertação e conexão ancestral. Poemas como “Retina Negra” e “Amuleto da Sorte”, nos quais a autoafirmação da “preta fujona” e a metáfora do “baobá” tensionam o espelho colonial, oferecem uma resposta direta ao epistemicídio estético (Carneiro, 2005) e ao trauma do racismo cotidiano (Kilomba, 2019). O ato de “empinar o black” dialoga com a poética de Luciene Carvalho “Fios Soltos” e com os aportes de Nilma Lino Gomes (2003, 2016, 2019), ressignificando a abolição incompleta em emancipação corpórea diária.

Na dimensão semiótica, a pesquisa evidenciou que *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* materializa a metáfora do “espelho reconfigurado” como autodefesa psíquica contra a violência simbólica ocidental (Santos, 2002). O livro, enquanto objeto de arte que une a autonomia visual da capa à cadência ritualística dos versos, subverte os “óculos escuros modelo europeu” e reivindica os “obscurecimentos necessários” de um “olhar 3D”. Trata-se de um rito cotidiano de descolonização estético-política (Bueno, 2020; hooks, 2018).

Essa dinâmica ganha centralidade em “Black no preto”, poema que reflete sobre a “cor em movimento” ao parodiar o jargão policial-carcerário “suspeito”,”meliante”, “elemento cor padrão” e a violência da raspagem punitiva. Sobral expõe como a branquitude e o racismo estrutural (Carneiro, 2003) associam o *Black Power* a uma ameaça, desconstruindo ironicamente a ideologia do “preto de alma branca”. Essa transmutação adquire contornos de cura em “Pérola Negra”, poema que converte a negligência afetiva e o trauma em um rito de entronização. Valendo-se da gênese da

pérola, o eu-lírico tritura a dor e a converte em patrimônio ancestral, ressignificando cicatrizes em ninhos de afeto.

As análises de “Tridente, o Meu Pente” e “Preto no Preto” confirmam a subversão da "história única" (Adichie, 2009). Ao transformar o pente-garfo em um tridente ritualístico capaz de “espetar o preconceito” e reabilitar a escuridão não como ausência, mas como lugar de glória, potência e autodescoberta (Munanga, 2019), Sobral recusa o embranquecimento e a lógica da assimilação cultural. A "poética do fio" reafirma que o cuidado com o cabelo afro é uma forma de linguagem e preservação da memória coletiva, demonstrando que a descolonização da mente exige, de forma indissociável, a descolonização da própria matéria corporal.

No campo pedagógico, esses achados oferecem um roteiro sensível para o Letramento racial crítico. A pesquisa conclui que o cumprimento da Lei nº 10.639/2003 vai além do cumprimento formal de uma diretriz, exigindo a transformação da sala de aula em um espaço de desconstrução de estereótipos e de valorização das epistemologias negras. Ao entrarem em contato com a literatura de Cristiane Sobral, crianças e jovens leitores encontram referenciais afirmativos indispensáveis para reescrever suas trajetórias com altivez e autonomia. Respaldada por investigações no campo acadêmico (UFJF, UEMA, UERN, Capes), a obra de Sobral demonstra que a estética não é um detalhe acessório, mas a dimensão estruturante da luta antirracista.

Embora esta dissertação não exaura a complexidade da temática, o estudo oferece uma contribuição concreta para as pesquisas sobre estética negra, letramento racial e educação antirracista. Como desdobramentos futuros, sugere-se a expansão desta investigação para a produção dramatúrgica e teatral de Cristiane Sobral, bem como o mapeamento da recepção dessas obras por diferentes públicos leitoras e leitores, avaliando o impacto continuado da literatura de autoria negra na transformação da educação e da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. I**nterseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Esse cabelo**. Lisboa: Teorema, 2015.

ARAUJO, Maria Nilza da Silva. **A literatura afro-brasileira no ensino de língua portuguesa:** uma proposta de letramento literário crítico. São Paulo: Ed. Nankin, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc. Acesso em: 3 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

Bueno, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins.**Porto Alegre, RS : Zouk, 2020.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARVALHO, Luciene. **Dona**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2018.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Rio de Janeiro: Editora Horizonte; São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura afro-brasileira:** abordagens críticas. Belo Horizonte: Literafro; Pallas, 2011.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos quinhões de minha escrita**. In: ALEXANDER, Simone A. James; RAMOS, Erika Arantes (org.). Representações de etnia e gênero. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GOMES, Cláudia Ferreira Alexandre; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. Consumo e identidade: **o cabelo afro como símbolo de resistência.** Revista da ABPN, v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz – corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontas, 2013.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Erguei a voz: tornar-se sujeito, negro e mulher.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo, Editora Ática, 1994.

LITERAFRO. Cristiane Sobral. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/222-cristiane-sobral. Acesso em: 30 mar. 2026.

LUCINDA, Elisa. **A carta da terra.** Prefácio. In: SOBRAL, Cristiane. Terra Negra. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** Ilustrações de Claudius. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces.** Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

OCTAVIO, Paz. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAULA, Benjamin Xavier. **Educação e emancipação:** a perspectiva da Lei Federal 10.639/2003. Revista Cronos, v. 18, n. 2, p. 105–127, 2018.

PEIRCE, C. S. **Semiótica.** Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PRECIOSO, Adriana Lins; FARIA, Helenice Joviano Roque de. **Literatura negra produzida em Mato Grosso e a educação literária:** caminhos para a representatividade. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 345–358, 2023. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10838. Acesso em: 28 mar. 2026.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, Denise Bispo dos. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro:** um percurso da subjetividade à coletividade. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negras:** prosa de autoria feminina preta brasileira (1970-2017). Malê: Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos.** Brasília: Ed. do Autor, 2011. (Coleção Oi Poema, v. 3).

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz**. 2. ed. Brasília: Edição da Autora, 2014.

SOBRAL, Cristiane. **Terra Negra**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.